

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MILENA CÁSSIA PINTO DE CAMPOS

**A LEITURA COMO EXPERIÊNCIA: OS LIVROS
PREFERIDOS DOS LEITORES.**

CAMPINAS

2011

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MILENA CÁSSIA PINTO DE CAMPOS

**A LEITURA COMO EXPERIÊNCIA: OS LIVROS
PREFERIDOS DOS LEITORES.**

Monografia apresentada como exigência parcial para a conclusão do curso de Pedagogia pela Faculdade de Educação da Unicamp, sob orientação da Prof^a Dr^a Roseli Aparecida Cação Fontana.

CAMPINAS

2011

Prof.^a Dr.^a Roseli Aparecida Cação Fontana
(Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Guedes Pinto
(2.^a Leitora)

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP
Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

C157

Campos, Milena Cássia Pinto de.

A leitura como experiência: os livros preferidos dos leitores / Milena Cássia Pinto de Campos. – Campinas, SP: [s.n.], 2011.

Orientador: Roseli Aparecida Cação Fontana.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) –
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação.

1. Leitura. 2. Experiência. 3. Leitores – Formação. 4.
Interesses na leitura. 5. Leitores – Livros e leitura. I.
Fontana, Roseli Aparecida Cação. II. Universidade
Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

12-042-BFE

RESUMO

Esse trabalho é um estudo das experiências de leituras a partir de um livro inesquecível. Tendo como conceito de experiência o referencial teórico do historiador Thompson.

A leitura de uma obra inesquecível, constituinte das experiências de leitura dos leitores, é contada por sujeitos diversos durante as entrevistas que foram feitas para esse trabalho. A análise das entrevistas foi feita com os estudos desenvolvidos no campo da antropologia por Michele Pétit e da história cultural, organizados por Roger Chartier, da linguagem, da crítica literária e da literatura, como os textos de Marisa Lajolo, de Joaquim Brasil Fontes e do escritor Ricardo Azevedo.

Das experiências de leitura, alguns dos elementos são estudados e identificados nesse trabalho: o tempo para ler; a mediação. Esses apareceram como temas comuns nas falas dos entrevistados e que aqui foram desenvolvidos para estudar a formação de leitores e o desenvolvimento do gosto pela leitura.

O que faz um livro ser um livro inesquecível para o leitor?Essa e outras questões passaram a me acompanhar e se transformaram no elemento norteador desse Trabalho de Conclusão de Curso.

Palavras-chave: experiência de leitura; livro inesquecível, tempo para ler; mediação.

SUMÁRIO

Introdução

De como de uma situação corriqueira nasceu o problema a investigar.....p.6

1. Como nos tornamos leitores?.....p.10

O obrigatório e a liberdade.....p.13

Os mediadores.....p.15

2. Os sentidos da leitura para as pessoas – uma história que é de cada um.....p.21

3. Nas experiências de leitura, o livro inesquecível – a pesquisa realizada.....p.30

A escolha pelas entrevistas abertas.....p.31

Os sujeitos da pesquisa e suas histórias de leitura.....p.35

Analisando as histórias de leitura.....p.43

As mediações da condição de gênero no processo de leitura.....p.44

Tempo para ler.....p.48

Mediação.....p.53

O livro inesquecível.....p.59

4. Breves Considerações.....p.67

5. Referência Bibliográfica.....p.69

De como de uma situação corriqueira nasceu o problema a investigar.

A pergunta sobre o livro inesquecível, que norteou este trabalho, surgiu de uma situação rotineira, ou melhor dizendo, de uma conversa entre irmãos.

Conversávamos, eu e meu irmão, sobre nossa irmã mais nova, de nove anos de idade, aluna do 3º ano do Ensino Fundamental. No começo do ano de 2010, a escola em que ela estudava pediu que cada aluno levasse um livro de sua escolha para compor a Biblioteca, da qual as crianças levam, semanalmente, um livro para ler em casa. Depois da leitura, elas preenchem uma ficha de leitura, em que opinam sobre o livro lido e fazem um pequeno resumo do mesmo.

Pensar em um livro para a escola foi uma tarefa que exigiu da nossa parte atenção, cuidado e preocupação. Como poderíamos ajudar nossa irmã na escolha do livro?

Havia um prazo para entregar o livro na escola. Não conseguimos cumpri-lo porque não encontrávamos um livro que prendesse a atenção de nossa irmã, que a entusiasmasse, fazendo com que sentisse vontade de lê-lo. Aquela seria sua primeira experiência de escolha e queríamos que ela encontrasse um livro que a fizesse gostar de ler.

Fomos para uma livraria e em meio às prateleiras em que estavam expostos os livros perguntamos a ela o que desejava comprar. Para a minha decepção, ela escolheu um livro de capa colorida e com brilho, chamativo por fora, mas pobre literariamente falando. Um livro com uma história parecida com os desenhos da televisão, cuja lógica estava mais voltada para suscitar na criança o desejo de formar uma coleção do que mergulhar em sua história.

Eu e meu irmão recusamos sua escolha dizendo que aquele não era um livro apropriado para a escola e que, em outro dia, o compraríamos para ela. Diante de sua fisionomia aborrecida, fiquei me perguntando como se formaria o gosto pela leitura. Afinal, a escola conferira às crianças a possibilidade de escolher os livros e ela, como leitora, era livre para decidir qual livro escolher. Se nesse momento seu interesse era por um livro que se assemelhava aos desenhos animados, como conduzi-la ao contato com

outras formas de narrar, com outras experiências com a palavra escrita e seus valores estéticos?

Eu respondia a mim mesma que só através da leitura ela poderia experimentar outras relações com escrita, desenvolver outras referências e o gosto. Afinal de contas, havia sido assim comigo e com meu irmão. Além disso, a escola tivera uma participação expressiva em nosso processo de formação como leitores conduzindo-nos, ainda que pelos caminhos da obrigação, ao contato com obras que não escolheríamos livremente.

Depois de sair da livraria, o meu irmão e eu ficamos ainda mais desafiados com essa situação. Qual livro escolher para que Isabela levasse para a Escola? A escolha cuidadosa seria uma das maneiras de possibilitarmos que nossa irmã experimentasse outro tipo de livro, distinto daqueles que brilham e chamam a atenção das crianças nas prateleiras das livrarias.

Quando recebemos o segundo bilhete de cobrança para entregar o livro, fiquei preocupada, precisávamos nos decidir e logo! Então, em uma tarde, o meu irmão lembrou-se do livro que leu quando estava nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Aos poucos, emocionado, ele foi se lembrando da história.

“Tinha um menino, e ele tinha uma bisavó. A avó dele enxergava pouco e ela tinha uma caixinha em que guardava as recordações do tempo em que o seu bisavô e ela começaram a namorar. Acho que o nome dele era...talvez, Fernando, é Fernando! E ele tinha um trabalho sobre o cometa Halley pra fazer. É, acho que é isso! E ele queria fazer o melhor trabalho e foi com a ajuda da sua bisavó, através da caixinha de recordação e da sua história, que Fernando fez o trabalho (...).”

O Diogo tentava me contar a história para que eu o ajudasse a se lembrar do título. Ele me dizia que era impossível que eu não tivesse lido esse livro maravilhoso, do qual não se esquecera! Eu não tinha certeza se havia lido esse livro ou não, pois não me lembrava da história contada por meu irmão. Percebi então que o tal livro, caso eu o tivesse lido, não me marcara da mesma maneira que havia marcado Diogo.

Com a ajuda da internet descobrimos o nome do livro - “Com as pontas dos dedos e os olhos do coração”, de Leila Jannone. Fizemos a compra em um site. O livro inesquecível de meu irmão custava muito menos do que os livros com capas coloridas e brilhantes que nossa irmã escolhera.

Em poucos dias o livro chegou e o enviamos para a Escola. O meu irmão ficou muito feliz de reencontrar o livro. A Isabella gostou da idéia de ler uma obra já lida pelo Diogo e por mim quando tínhamos a sua idade.

Não sei se as crianças gostaram de ler o livro. Também sei muito pouco se a Isabella gostou. Infelizmente, não estive presente para ver e ouvir a reação das crianças com o livro, no dia a dia. Mas fiquei muito impressionada com a relação que meu irmão tivera com esse livro, ao ponto de não só se lembrar dele, mas ainda de se emocionar com a história, um dia, lida.

As marcas deixadas por um livro, desencadeadas pela memória, surpreenderam-me e me encantaram. O que torna um livro inesquecível? É o que ele apresenta sobre o mundo aos seus leitores, abrindo-lhes as portas a possibilidades não conhecidas? São as respostas que o livro traz para suas curiosidades? É aquilo que ele ajuda o leitor a descobrir sobre si mesmo? É a sedução da linguagem? São seus significados éticos? É a compreensão do humano em seus momentos iluminadores, desconcertantes, hilários, criadores? É a proximidade, que possibilita ao leitor, com a complexidade das relações afetivas?

Essas perguntas passaram a me acompanhar e se transformaram no elemento norteador de meu Trabalho de Conclusão de Curso. A partir delas, e entendendo que o livro inesquecível se define no contexto da experiência de leitura daquele que lê e que leitores não nascem feitos, nem se constituem na leitura de um único livro, dediquei-me ao estudo da experiência da leitura.

O conceito de experiência que assumi é o de Thompson (1981). Segundo ele, a experiência diz respeito ao conjunto das relações sociais vividas, como relações de parentesco, relações de reciprocidade, relações de trabalho, em que são compartilhados os diversos sistemas culturais que fazem parte da “genética de todo o processo histórico, tais como os costumes, as regras visíveis e invisíveis de regulação social, hegemonia e deferência, formas simbólicas de dominação e de resistência, fé religiosa e impulsos milenaristas, maneiras, leis, instituições, ideologias” (p.188-9).

As pessoas, conforme destaca Thompson:

não experimentam sua própria experiência apenas como idéias, no âmbito de seu pensamento e de seus procedimentos, ou (como supõem alguns praticantes teóricos) como instinto proletário etc. Elas experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas (idem,ibidem).

Para analisar a experiência da leitura em nossa sociedade, recorri a estudos sobre a leitura, desenvolvidos no campo da antropologia por Michele Pétit e da história cultural, organizados por Roger Chartier, da linguagem, da crítica literária e da literatura, como os textos de Marisa Lajolo, de Joaquim Brasil Fontes e do escritor Ricardo Azevedo. No percurso da experiência da leitura, detive-me na mediação da escola e do professor. Para a compreensão do papel da escola e do professor na formação do leitor recorri às considerações pedagógicas de Georges Snyders.

De modo a me aproximar dos livros inesquecíveis, decidi perguntar, em situação de entrevista aberta, a seis pessoas, de gerações, gêneros e formações diferentes, sobre suas experiências com a leitura e sobre um livro que tivesse lhes deixado marcas.

Encontrei respostas diversas. Houve quem se lembrasse do jeito e da espessura dos livros, dos livros recomendados, dos momentos de ler, das dificuldades de tempo para isso, das mediações decisivas dos professores, do apoio encontrado nas histórias lidas para lidar com a própria vida.

A cada entrevista feita, mais me encantavam as possibilidades contidas em um livro. Mais do que letras impressas no papel, os livros oferecem histórias, compartilham com seus leitores aventuras, feitos e combates, tempestades, mar revolto, desertos silenciosos, países e cidades exóticos, significados e sentidos que podem se tornar fundantes na sua formação, criando dentro deles lugares/momentos inesquecíveis.

Como sinaliza Michele Pétit (2008, p.94):

Ler (...) é conhecer a experiência de homens e mulheres, daqui ou de outros lugares, de nossa época ou de épocas passadas, transcrita em palavras que podem nos ensinar muito sobre nós mesmos, sobre certas regiões de nós mesmos que ainda não havíamos explorado, ou que ainda não conseguimos expressar. Ao longo das páginas, experimentamos em nós, a um só tempo, a verdade mais subjetiva, mais íntima e a humanidade compartilhada.

É este trabalho que apresento a seguir, organizado em três capítulos. No primeiro, analiso os caminhos para a formação dos leitores em nossa sociedade, uma história que é de todos. No segundo, aproximo-me das experiências singulares da leitura, que nascem das condições coletivas de sua produção. No terceiro, abordo a pesquisa desenvolvida em seus pressupostos e procedimentos metodológicos assumidos. A seguir, apresento os sujeitos da pesquisa em suas experiências como leitores e, finalmente, seus livros inesquecíveis.

Como nos tornamos leitores?

Não nascemos leitores. A leitura vai adentrando em nossas vidas pouco a pouco e dependendo de como forem as nossas experiências relacionadas a essa prática, passamos a gostar de ler ou não, a ter (ou não) o gosto por ela.

Os livros demandam, para poderem ser lidos e compreendidos, o domínio da língua escrita. E, na grande maioria das vezes, com exceção dos auto – didatas, a escola é o espaço que temos, em nossas sociedades de hegemonia da língua escrita, para aprender a escrever e a ler.

Entre as leis sociais que modelam a necessidade ou a capacidade de leitura, as da escola estão entre as mais importantes, o que coloca o problema, ao mesmo tempo histórico e contemporâneo, do lugar de uma aprendizagem escolar numa aprendizagem da leitura, nos dois sentidos da palavra, isto é a aprendizagem da decifração e do saber ler em seu nível elementar e, de outro lado, esta outra coisa de que falamos, a capacidade de uma leitura mais hábil, que pode se apropriar de diferentes textos. (CHARTIER, 2009, p. 240)

Embora nossas experiências como leitores passem efetivamente pela escola, e de suas mediações dependam o ficarmos mais receptivos ou mais frustrados com a leitura e com a escrita, elas não nascem apenas nessa instituição. Nos primeiros anos da infância, por não sabermos escrever e ler, o nosso contato com o mundo letrado depende muito do outro que já é leitor. Trata-se de um período em que somos leitores receptivos, ouvintes – escutamos histórias lidas por outras pessoas. É através da voz do leitor, que entramos em contato com o texto, do qual ele, o leitor, é literalmente o porta-voz. Mediados pela voz do leitor, envolvemo-nos nas emoções e sentimentos que uma boa história provoca e compreendemos que ler não é a mera decifração da sucessão de sons e de letras.

A experiência da escuta da leitura de textos em voz alta faz parte de um percurso pré-escolar que todos nós temos. Esses períodos anteriores à escola são muito diferentes entre as famílias, principalmente entre as famílias brasileiras onde há uma intensa desigualdade social. O percurso pré-escolar de alguns sujeitos passa pelas instituições de educação infantil, o de outros passa pela vinculação das famílias a diferentes igrejas, o de outros limita-se às relações familiares e de vizinhança.

Nesses percursos pré-escolares, o acesso às práticas da cultura letrada é muito diferente em função da desigual distribuição do capital cultural (Bourdieu, 1962). Em muitas famílias de maior posse de capital o “acúmulo” do capital cultural é imenso, nelas há grande espaço e disponibilidade para as relações com a escrita, com seus diferentes usos sociais, com a leitura de livros. Em outras, as interlocuções limitam-se apenas aos usos imediatos e cotidianos da língua falada e escrita.

Petit apresenta em seu livro “Os jovens e a leitura” o trabalho de uma associação chamada ACCES (Ação Cultural Contra as Exclusões e as Segregações), fundada na França por psicanalistas, que tem como um de seus objetivos trazer para as famílias, em que o uso da língua escrita e as interlocuções são muito limitados, espaços para a convivência com as práticas da cultura letrada, visando a reparar a defasagem existente entre essas famílias com aquelas que se beneficiam com vários registros lingüísticos. Um dos trabalhos dessa Associação é a leitura de histórias para sujeitos de diversas idades, incluindo os bebês.

Lêem histórias para as crianças não para que “aprendam” alguma coisa, mas para que sintam a música da língua, que compreendam que nos livros existem histórias que podem levá-las para outros lugares, que podem encantá-las e fazê-las sonhar. E sabem, em qualquer idade, sem sonho, sem jogos com o imaginário, como dizia há pouco, não existe pensamento. (PETIT, 2008, p. 82)

Lembrando-nos da importância e necessidade de instituições que assegurem a apropriação do capital cultural a diferentes sujeitos oriundos de diferentes classes sociais, Bourdieu (1962) assinala que:

Com efeito, somente uma instituição cuja função específica fosse transmitir ao maior número possível de pessoas, pelo aprendizado e pelo exercício, as atitudes e as aptidões que fazem o homem “culto”, poderia compensar (pelo menos parcialmente) as desvantagens daqueles que não encontram em seu meio familiar a incitação à prática cultural. (BORDIEU, p.61)

Na realidade de desigualdades sociais, econômicas que aprofundam ainda mais as diferenças entre as classes sociais, as crianças chegam à escola com experiências bastante diferenciadas com a linguagem e com as práticas da língua escrita. Nessas condições, a instituição escolar deveria ser um espaço que disponibilizasse igualitariamente as obras culturais, permitindo o acesso à escrita, a suas diferentes práticas e usos.

Uma das características presentes nas crianças, quando começam a ir à escola, são as expectativas altas e curiosidade em conhecer, em entender o mundo em que elas estão inseridas. Segundo Snyders (1993, p.177), o que atrai muitas crianças é a alegria de se dirigirem a uma elucidação de valores já pressentidos. Essa alegria é experimentada no contato dos estudantes com as obras culturais e pode/deve começar bem cedo, não tendo porque ser reservada às classes mais adiantadas.

Desejoso de que “essa alegria cultural escolar, quer dizer, descoberta na escola e pela escola, se irradie para a existência inteira” (op. cit., p. 182), Snyders defende a tese de que a escola, segundo ele, deve ser um espaço que assegure o acesso às práticas culturais e sua apropriação para todos os sujeitos.

A leitura de livro é uma delas. Nesse sentido, a escola é fundamental para aproximar as crianças e os jovens dos livros. Porém apenas o acesso às obras literárias não garante a formação de leitores. É preciso conhecer, como afirma Lajolo (2005, p.14), “os livros da capa para dentro”.

Na escola, conforma sinaliza Lajolo (op.cit, p.12), “os alunos precisam viver as experiências necessárias para, ao longo da vida, poderem recorrer aos livros e à leitura como fonte de informações, como instrumento de aprendizagem e como forma de lazer”.

Nos dias atuais existem muitas campanhas para a leitura de livros. A mídia é um meio de propagar essas campanhas espalhando entre as pessoas de todas as classes sociais que ler é um hábito e que deve ser estimulado e que todos devem ler para se tornarem instruídos, ou o clássico slogan de que ler é abrir asas à imaginação.

Nas escolas, nas últimas décadas, têm chegado caixas e mais caixas de livros, subvencionados pelo MEC, pelas Secretarias Estaduais de Educação ou graças a projetos de outras instituições, que visam a incentivar a leitura. No entanto, como dito anteriormente, se a presença dos livros nas escolas representa um avanço fundamental no sentido de garantir o acesso a essa produção cultural, por si só não garante que eles estejam sendo lidos pelos estudantes. É preciso que todos nas escolas, professores e alunos tenham familiaridade com os livros que compõem o acervo escolar. É preciso que eles sejam lidos. Como conseguir essa meta? Como produzir em cada sujeito o movimento de querer ler um livro?

O obrigatório e a liberdade

Ricardo Azevedo (2004) lembra que ler exige esforço e que o chamado prazer da leitura é uma construção que pressupõe treino, capacitação e acumulação. O ato de ler é hábito e como todas as coisas boas da vida, aprende-se com alguém, que inicia o leitor e o acompanha.

Nesse sentido, longe de supor o encantamento natural e espontâneo dos estudantes pela leitura, a escola deve assumir a apropriação e o desenvolvimento dessa atividade como uma de suas tarefas centrais.

Lajolo (op.cit., p.13) afirma que:

Para que a leitura cumpra o papel que precisa cumprir na vida dos alunos, a escola não pode ter como padrão uma leitura mecânica e desestimulante. Ao contrário. A escola pode e precisa tornar seus alunos capazes de uma leitura abrangente, crítica, inventiva. Só assim os livros farão sentido na vida deles. E só assim a escola estará ensinando seus alunos a usarem leitura e livros para viverem melhor.

Na discussão das tarefas sociais da escola, Snyders, diferentemente dos pedagogos escolanovistas que se abrigam no interesse na motivação dos alunos, analisa o lado do obrigatório que professores e alunos vivenciam nas escolas.

Entendendo o obrigatório como um apoio para que as metas culturais tenham mais chances de serem atingidas, Snyders desmistifica o interesse espontâneo dos aprendizes em favor da mediação do professor, que não se furta a elencar um conjunto de leituras a serem feitas pelos alunos, a organizar a implementação dessas leituras e a acompanhar seu desenvolvimento.

Para escolher e indicar livros para seus alunos é necessário que o professor leia. Para organizar e acompanhar a leitura dos alunos é necessário que o professor se disponibilize á interlocução com eles.

Para os alunos, a leitura proposta e organizada pelo professor é um momento, de confluência de um obrigatório - a indicação do professor - e de uma liberdade - a interpretação pessoal que dá vida à obra.

Porque não é simplesmente um consumidor da cultura, o aluno não recebe apenas a obra, mas a prolonga, a enriquece, acrescenta-lhe algo, faz nascer nela ecos de sua experiência e também experimenta alegria de sentir-se capaz de ler, de compreender e a partir daí avaliar uma leitura que não faria por escolha espontânea. Mesmo porque, a escolha espontânea, frente à diversidade de livros, também não é uma tarefa fácil para leitores iniciantes, como pude perceber na situação vivida por minha irmã. O jovem leitor pode ser capturado por apelos mercadológicos, mais do que pela leitura em si.

Em situações como essa é de grande valor a presença de um mediador, que pode ser o professor, o bibliotecário, um voluntário ou um amigo que faz sugestões de leituras, que conversa sobre o texto e acolhe os comentários do leitor após a leitura ter sido por ele realizada.

O mediador, como assinala Petit (2008), em seus estudos antropológicos sobre a leitura, ao acompanhar o leitor em um momento por vezes tão difícil, como a escolha do livro, abre a ele oportunidades para o acesso a livros diversificados. Muitas vezes, basta estar à disposição, estar aberto ao outro para que os leitores se aventurem por outros textos, às vezes até mesmo em leituras de textos mais difíceis.

A defesa do mediador, feita por Petit, nasce de seu olhar atento para o leitor, como um sujeito que tem e vive uma história dentro de um contexto, que tem as suas particularidades, os seus momentos. Ao nos voltarmos para o livro não como algo em si mesmo, mas como um ponto de encontro com o leitor, com os leitores, este recebe outra capa; uma capa mais humana, resultado da relação e da produção entre sujeitos, que, porque se encontram no texto, o exploram e criticam.

É partindo do pressuposto de que aquele que lê não é um sujeito passivo à obra lida, que podemos compreender as diferentes experiências de leitura. Há leituras e leituras, há encontros e desencontros. Os textos significam de maneiras diferentes para cada um e para cada momento. Os textos também significam nas condições em que a leitura se realiza, no encontro e no desencontro entre o leitor e o texto. Para cada frase, fragmento ou capítulo, ali está o leitor fazendo associações com as suas experiências, sentindo-se tocar por certa parte da história, ou também pode acontecer de a leitura de certo livro, não fazer muito sentido para si, não provocar as significações já elaboradas, não gerar (re) significações.

Sobre a liberdade do leitor perante a obra, Petit fala com imenso esclarecimento e sensibilidade que:

Ler tem a ver com a liberdade de ir e vir, com a possibilidade de entrar à vontade em um outro mundo e dele sair. Por meio dessas idas e vindas, o leitor traça a sua autonomia, mediante a qual ele se reconstrói (...). (PETIT, 2009, p. 92)

Assim sendo, a escola pode determinar que se leia este ou aquele livro, mas não tem como controlar o modo como um texto será lido, compreendido e interpretado, pois durante a leitura, os leitores se apropriam dos textos, mudam o seu significado,

fazem outras interpretações e introduzem os seus desejos, anseios e medos por entre as linhas.

Os livros passam pelos leitores e os leitores passam pelos livros. São os leitores que dão à obra a vida, a cada leitura que dela fazem. Por sua vez, é na e pela leitura da obra que fragmentos são nela achados e esses alcançam partes do leitor até então desconhecidas por ele mesmo.

Por isso, para o sujeito querer, desejar ler um livro é necessário, primeiramente, que o livro não lhe desperte medo, que não lhe cause sentimentos de baixa auto estima fazendo-o sentir-se como se não pudesse ler porque há assuntos, envolvendo a leitura, que o fazem achar que esse tipo de atividade não é para si.

Em várias situações, seja na escola, em bibliotecas, em ONGs, as concepções de valorização extrema do livro em si mesmo podem apagar a chama de curiosidade, o sentimento de querer, de poder ler um livro. O livro torna-se, então, um monumento que intimida, ou um objeto enfadonho, fazendo com que o sujeito, por não encontrar sentido para si, não sinta vontade de lê-lo.

Nesse sentido, Petit, no livro “A arte de Ler”, traz uma contribuição fundamental para compreendermos como ações e atitudes mecânicas, oriundas de concepções de que o livro é um objeto ilustre, endeusado ou de que as pessoas devem ler para gastar o tempo de maneira produtiva, dando asas à imaginação ou para ser um intelectual, podem afastar os sujeitos dos livros.

Se o adulto impõe para a criança o comportamento que ela deve ter, o bom jeito de ler, se ela se submete passivamente à autoridade de um texto, encarando-o como algo que lhe é imposto e sobre o que ela deve prestar contas, são poucas as chances de o livro entrar [com uma valoração positiva] na experiência dela, na sua voz, no seu pensamento. (PETIT, 2009, p. 47-48)

Os mediadores

Nesses casos e em muitos outros faz-se importante a mediação. Ela se faz possível porque as leituras de livros permitem trocas entre os sujeitos. Essas trocas estão relacionadas com suas experiências com os livros, visto que o leitor não é como se fosse uma página em branco preenchido pelo texto lido. Porque significa o que lê, o leitor pode compartilhar o que leu com o outro. E em uma dessas situações pode acontecer do outro se interessar pela obra e iniciar a leitura desta. Essa movimentação faz os livros circularem, dão sentido a essa prática cultural.

Para Petit a mediação está na valorização do sujeito e nas trocas intersubjetivas. Ela se manifesta como a disponibilidade à relação com o outro - uma recepção, uma presença positiva, uma hospitalidade - que intermedia seu encontro com o livro.

Pode acontecer, por exemplo, de uma pessoa não se sentir a vontade para abrir um livro, por julgá-lo distante da vida. Ela se afasta do livro para a sua segurança e também por não querer se aventurar com uma possível leitura. Nessas situações, o papel do mediador pode legitimar, incentivar, possibilitar um espaço em que o outro sinta um desejo, antes até incerto, inseguro, para fazer uma leitura.

Para que isso aconteça, não são necessários grandes esforços da parte do mediador para com as pessoas. Faz-se necessário seu comprometimento com o que ele acredita e quer para si e para os outros.

O mediador é aquele que inicia o outro à leitura; que faz despertar no outro a vontade de ler, é também, aquele que acompanha o outro para escolher uma obra interessante; é aquele que possibilita o acesso às diversas obras culturais.

Não é apenas para iniciar à leitura, para legitimar ou revelar um desejo de ler, que o papel de um iniciador aos livros se revela primordial. É também, mais tarde, no acompanhamento do trajeto do leitor. (PETIT, 2008, p. 166)

No livro “Os jovens e a leitura”, em entrevistas com leitores de vários contextos, principalmente os leitores de contextos marginalizados e com grandes adversidades, Petit flagra o papel do mediador e o quanto o encontro com o outro, o abrir-se ao outro, enfim o quanto é essencial o papel do mediador para surgir o desejo e o gosto pela leitura, que pode acontecer em uma conversa, por exemplo.

Trata-se, no fundo, de ser receptivo, de estar disponível para propor, para acompanhar o jovem usuário, procurar com ele, inventar com ele, para multiplicar as oportunidades de fazer descobertas, para que o jogo esteja aberto. Trata-se de inventar pontes, estratégias que permitam a quem frequenta uma biblioteca não ficar encurralado anos a fio em uma mesma coleção. Aliás, é o que sabem fazer muito bem vários profissionais, e é a isso que são sensíveis muitos jovens, como veremos. (PETIT, 2008, p. 179)

Não significa que o mediador ao fazer sugestões, dar conselhos irá aprisionar o leitor, pois não se trata de atitudes de caráter impositivo, ao contrário um dos papéis do iniciador das leituras é apresentar pontes ao leitor, ou permitir que ele mesmo construa as suas.

Reforço aqui, novamente, que a mediação acontece no encontro com o outro, em uma conversa, por exemplo. Trata-se de um movimento de compartilhar e trocar

experiências, falar para o outro sobre uma obra que tenha lhe acrescentado, ou que lhe chamou a atenção por algum motivo. Essa prática torna-se possível porque o homem, ser social, socializa o que o marcou tanto positivamente quanto negativamente.

Muitos profissionais trabalham com a mediação de livros, são iniciadores à leitura, direta ou indiretamente. Os bibliotecários realizam esse trabalho diariamente. Muitos deles são apaixonados pelo que fazem. Eles conhecem todo o acervo que existe na biblioteca, esforçam-se para manter uma organização e encontram com facilidade os livros que são pedidos a eles.

Trata-se de outra relação com os livros, que muitas vezes, passa pelo cuidado e vai além, pois muitos bibliotecários são receptivos às pessoas que vão à biblioteca. Eles conversam, dão conselhos, fazem sugestão e acompanham o leitor na medida em que ao voltar à biblioteca depois de ter lido o livro, o leitor e o bibliotecário conversam sobre a leitura. Essa conversa pode se espalhar entre as pessoas que frequentam a biblioteca e inicia-se um fluxo intenso de trocas, de partilhas que fazem os livros circularem entre as pessoas.

Petit nos seus dois livros, “A arte de ler” e “Os jovens e a leitura”, descobre e reconhece, nas entrevistas feitas com leitores, a importância do trabalho do bibliotecário receptivo que está disponível e aberto às pessoas que vão à biblioteca, semeando entre as pessoas o gosto pela leitura. A autora compara o papel do bibliotecário, do mediador, como “um psicanalista que propõe uma interpretação, transformando o que foi dito, eles levam uma obra, sugerem outra, percebem as reações.” (p.189-190)

Outro profissional que realiza esse trabalho de iniciador às leituras é o professor. No dia a dia, na convivência com as crianças, na escola, o professor conhece cada criança, por exemplo, ele conhece um pouco a história de cada uma, como elas vivem, onde vivem, com quem vivem e o que fazem; o professor também pode conhecer através das conversas com as crianças do que elas gostam. Essa relação do professor com a criança e da criança com o professor permite ao professor sugerir livros que podem despertar a atenção e o interesse das crianças.

A escola é o lugar onde muitas pessoas são apresentadas aos livros. E dependendo da maneira como isso acontece, muitas delas ficam próximas e gostam de fazer a leitura dos livros e outras os detestam por terem vivido experiências ruins, de fracasso, em relação à leitura. Para as últimas, os livros são vistos como um objeto intimidador que evoca lembranças ruins.

O trabalho do professor também como mediador – faz a sugestão de livros, trabalha com esta prática cultural com e entre as crianças – também foi identificada e tematizada por Petit.

Ao menos cabe aos professores fazer com que os alunos tenham uma maior familiaridade, que sintam mais confiança ao se aproximarem dos textos escritos. Fazer com que sintam sua diversidade, sugerir-lhes a idéia de que, entre todos esses textos escritos – de hoje, ou de ontem, daqui ou de outro lugar – haverá certamente alguns que dirão algo de muito particular a eles. (PETIT, 2008, p. 178)

Na escola as crianças encontram espaço e tempo, para ficar frente a frente com produções culturais diversas. E todas as relações e situações, que aí acontecem, envolvendo a cultura, podem e devem despertar a alegria cultural, nome dado por Snyders, em “Alunos Felizes”, à alegria especificamente escolar.

Para esse autor, em suas próprias palavras, “a vocação da escola é ser uma ponte entre as pessoas e a participação na cultura: local de apropriação cultural, superação rumo à alegria cultural através da vivência de certas condições de comunicação, de adaptação e de apoio de pessoa a pessoa” (2005, p.90).

O professor, dentro desse contexto, é o adulto que está disponível às crianças; “é o servo que trabalha para a e pela cultura”. Segundo Snyders, o professor também “descobre, busca, explora, tenta, tasteia com os estudantes e, talvez, um pouco graças a eles” (2005, p.85).

A leitura é uma prática cultural e deve acontecer ter espaço dentro das escolas – uma instituição que é diferente da vida, mas que dialoga o tempo todo com a vida em um movimento de rupturas e de continuidades.

Volto à mediação depois de ter colocado que o trabalho de muitos profissionais é fazer a mediação aos livros. É evidente que os livros não circulam entre as pessoas apenas dessa maneira, uma vez que ao lermos um livro e este despertar em nós algum tipo de emoção, falaremos dele ao outro que pode sentir interesse pela experiência da leitura que lhe foi contada e buscar ler o livro também.

Porém o mediador, assim como discorri ao longo do texto, não é aquele que apenas inicia, mas também que acompanha o leitor no seu trajeto. Pensando nisso, o mediador é uma pessoa que teve experiências em relação à leitura e são essas experiências, como algo que toca e deixa marcas, que são transmitidas ao outro.

Nesse sentido, Petit (2008, p.168) afirma que:

para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que [se] tenha experimentado esse amor (...). Partindo desse ponto, é importante, principalmente para aqueles que trabalham e que

fazem a mediação da leitura, que pensem, se interroguem mais sobre a sua relação com a literatura.

Coloco mais uma vez, em foco, o professor, a escola e a minha justificativa para esses recortes está associada a minha formação como pedagoga e professora.

Para Snyders, o professor serve essencialmente de intermediário das grandes obras e seus criadores para os estudantes.

A presença do educador e o papel muito particular daquilo que é a expressão mais direta de uma pessoa e que cria um vínculo imediato com o outro: a voz, a voz do educador que comunica a emoção, o fervor, a exaltação própria às grandes obras. (SNYDERS, 2005, p. 76)

O professor faz a ponte entre os estudantes e as obras literárias. Ao fazer a leitura de um livro, o professor traz toda a emoção que certa obra lhe despertou e que continua a despertar quando ele está fazendo a leitura em voz alta. Os estudantes sentem as frases, os fragmentos ecoarem aos seus ouvidos repletos de vida e acompanham junto com o professor a leitura. Deste e de outros momentos, pode surgir a vontade de ler e, com a leitura, o gosto pela leitura.

O acesso ao livro na escola faz parte do obrigatório. Ou seja, na escola, a criança não faz o que quer. Ela faz o que deve ser feito na escola - ela lê, escreve, faz exercícios, ouve as explicações e explanações do professor, desenha, canta, brinca nos momentos de brincar, aprende a dirigir sua própria atenção, a controlar seu tempo, entre outras coisas. Na escola, o obrigatório é para todos, independentemente da diferenciação social existente entre as crianças. A escola, assinala Snyders, é um espaço em que todos são iguais perante as regras e obrigações.

Nessa condição de não escolha, são vivenciadas as primeiras experiências dos sujeitos em relação à literatura, por isso a maneira como o professor proporciona e conduz os encontros das crianças e jovens com a leitura é decisivo para a formação, ou a não formação, de leitores. E tudo isso se relaciona à mediação.

Porque ler é tarefa constitutiva da escola e porque a literatura é uma das experiências de leitura, as escolas precisam de muitos e bons livros, precisam dispor de um acervo diverso em termos de assuntos, de tamanho, de estilos, de épocas, de gêneros, de autores. Mas dispor desse acervo não é suficiente em si mesmo. Como assinala Pétit:

O gosto pela leitura não pode surgir da simples proximidade material com os livros. Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca, podem se tornar letra morta se ninguém lhes der vida. Se a pessoa se sente pouco à vontade em aventurar-se na cultura letrada, devido à sua origem social, ao seu distanciamento dos lugares do saber, a dimensão do encontro com o

mediador, das trocas, das palavras “verdadeiras”, é essencial. (PETIT, 2008, p. 154)

É na escola que existe o espaço para que aconteça a democratização dos conhecimentos, das obras culturais para todas as pessoas. No contexto escolar faz-se necessária a mediação – estar receptivo ao outro, abrir-se e acreditar no outro. Cabe ao professor essa função. É ele a figura-chave, segundo Lajolo (2005, p.12), “para que a leitura chegue às mãos, aos olhos e ao coração dos alunos. Dos seus alunos.”

Os sentidos da leitura para as pessoas - uma história que é de cada um.

A leitura é uma prática cultural. Lê-se para diferentes fins, existem várias maneiras de ler e diferentes usos da leitura. De início, as leituras orais, realizadas nas Igrejas, nas famílias, nas escolas foram predominantes. Com o passar do tempo, em face das exigências históricas que se foram produzindo, a escrita e a leitura difundiram-se entre as pessoas que passaram a freqüentar a escola. Com isso, as leituras orais, ao longo da modernidade, foram perdendo espaço para as leituras silenciosas. Para conhecer uma história de um livro, por exemplo, já não era mais necessário que o outro, que dominava os códigos da escrita e que sabia ler fizesse a leitura. Sendo assim, instaurou-se uma nova relação, mais fácil e ágil, com o livro através da leitura silenciosa.

Segundo Chartier, no livro “Práticas de Leitura” (2009), “a oposição entre visualização e oralização é, sem dúvida, o indicador mais manifesto de uma diferença nas maneiras de ler. No entanto, a leitura silenciosa não é única e as capacidades daqueles que a praticam podem variar consideravelmente” (p. 84).

Embora a história de leitura de cada um de nós esteja sempre articulada a uma história coletiva, às práticas vigentes na sociedade em que vivemos e ao lugar que ocupamos nessa sociedade, ela também tem, nas palavras de Lajolo (op. cit., p.10) “lances extremamente individuais, que a tornam única”.

São bastante pessoais as maneiras pelas quais cada um de nós se aproximou da leitura, bem como os modos como a praticamos e os sentidos que elaboramos dos textos que lemos. As leituras orais e as leituras silenciosas, assim como outras maneiras de ler, estão presentes hoje. Através dessas práticas, o sujeito que percorre as páginas com os olhos assim como aquele que escuta as palavras lidas pelo outro constituem um sentido para o texto. Não importa a maneira pela qual o texto é lido, os sujeitos o recebem de um jeito singular, cada um constrói um sentido que lhe é próprio das suas experiências.

Petit (2009) sinaliza as diferentes emoções que um texto pode despertar nas pessoas através da leitura, independentemente do fato dessa leitura ter sido feita oral ou silenciosamente. Os textos, diz ela:

agem em vários níveis – sejam eles lidos em voz alta ou ouvidos no segredo da solidão: através de seus conteúdos, das associações que suscitam, das discussões que promovem; mas também de suas melodias, seus ritmos, seu tempo. (PETIT, 2009, p. 61)

Segundo Goulemot (2009), o ato de ler é lugar de produção de sentido, de compreensão e de gozo. Sendo assim, ler não é encontrar o sentido desejado pelo autor, mas “constituir e não reconstituir um sentido” (p. 108). Os sujeitos atribuem significados às obras lidas. Elas dão sentido para as vivências do sujeito.

O sentido daquele que se constitui por uma leitura historicamente datada, empregado por um indivíduo que tem um destino singular, nasce, portanto, do trabalho que esse “fora do texto” assim definido, opera, para além dos sentidos das palavras, do agrupamento de frases, sobre o texto. (GOULEMOT, 2009, p. 108)

Com a expressão “fora do texto” Goulemot demarca o leitor e a situação de leitura. Ao escrever uma obra, o autor coloca as suas intenções, os seus objetivos e finalidades, porém, o “fora do texto”, que pertence à ordem das práticas de leituras, à situação de leitura vivida pelo leitor e à história de suas experiências, é que dá um sentido singular aos textos de que o leitor se apropria.

Não é possível controlar as interpretações que fará o sujeito após a leitura de um livro. Por mais que a obra literária seja o resultado de uma criação do autor, a interpretação que o leitor fará dessa obra pode ser diferente até mesmo daquela projetada por quem a escreveu, pois o leitor significa o texto, dá sentidos ao que leu, apropria-se do texto de uma maneira tão singular que escapa àqueles que se esforçam em impor uma leitura autorizada.

Trata-se da alquimia da recepção destacada por Petit :

Não se pode jamais estar seguro de dominar os leitores, mesmo onde os diferentes poderes dedicam-se a controlar o acesso aos textos. Na realidade, os leitores apropriam-se dos textos, lhe dão outro significado, mudam o sentido, interpretam à sua maneira, introduzindo os seus desejos entre as linhas: é toda a alquimia da recepção. (PETIT, 2008, p.26)

Devido a essa liberdade que tem o leitor ao ler o livro, nos tempos passados, muito se tentou controlar o acesso dos livros às pessoas. A família, a escola e a igreja vigiavam severamente o que liam os jovens, sobretudo as jovens. O controle também se fazia pela definição de uma única possibilidade de leitura aceitável. Nessa direção, a escola propunha, e em muitos casos ainda propõe, a leitura “certa” e a leitura “errada”, considerando “certa” a que reproduz os sentidos institucionalmente legitimados e “errada”, por sua vez, quase sempre a que se afasta dos sentidos impostos pela escola.

Essa idéia restritiva dos sentidos da leitura, herdada das concepções idealistas, considera que há uma relação direta e unívoca entre o signo, o mundo e o homem, de tal forma que para compreender o texto basta encontrar “o” sentido, que estaria colado à palavra. Nessa concepção, o leitor é passivo perante o texto.

No entanto, como defende Goulemot, no ato de ler estabelece-se um diálogo entre o leitor e o texto, de forma que o leitor age sobre o texto e produz sentidos que lhe são singulares. Ele, em certo sentido, como afirma Pétit (2008) reescreve a obra, “pois altera o seu sentido, faz o que bem entende, distorce, reemprega, introduz variantes, deixa de lado os usos corretos. Mas também é transformado: encontra algo que não esperava e não sabe nunca aonde isso poderá levá-lo” (p. 28-29).

Frente a frente com a obra, o leitor encontra um trecho do texto que expressa os seus sentimentos, que tocou o mais profundo da sua experiência. A leitura pode dar voz aos sentimentos que até então podiam estar desconhecidos pelo sujeito. Os livros trabalham os seus leitores mais não de uma única maneira, visto que cada um tem as suas experiências, as suas histórias de vida.

Os escritores criam as obras, colocam no papel as suas idéias, as suas angústias, desejos, crenças e outros. Possuem uma “facilidade” para se expressar através das palavras sentidos, acontecimentos individuais ou coletivos, experiências singulares e universais. Com eles produzem textos que podem revelar ao leitor o mais profundo da experiência humana.

A leitura, da perspectiva do diálogo do leitor com o texto, é um território íntimo; é solidão e também liberdade – como define Petit (2008). Aqui está um ponto, que envolve a leitura, que me chama muito a atenção.

Ao fazer a leitura de um livro, a apropriação deste é singular, há o diálogo entre texto e o leitor, e é desse texto que o leitor pode tirar significados que façam sentido para ele, para a elaboração de suas experiências, em uma relação consigo mesmo, em um espaço íntimo, que é seu, muito pessoal.

Por mais que a leitura seja feita em voz alta para um grupo de pessoas, aqueles que estão penetrados na leitura, que escutam a voz do outro que está lendo, constituem um espaço íntimo com a leitura – uma relação própria com a obra que estão escutando.

Ao mesmo tempo a leitura é uma prática de solidão; o leitor retira-se do mundo, da sua realidade, e os seus sentidos voltam-se para as páginas de um livro, para a narrativa ou informações que contem. Ele não apenas utiliza a visão para fazer a leitura e sim todos os outros sentidos restantes, pois quando o leitor é fisgado pelo texto,

ele vive toda a obra junto com o escritor e com todos aqueles em que o escritor se apoiou para escrever.

Nesse sentido, a solidão do leitor em sua relação com o livro é diferente: trata-se de uma solidão povoada. Em todo o texto literário, há os personagens, a voz do escritor que teceu todo o texto, as imagens, a história que faz o leitor enxergar outras paisagens, outros espaços e tempos.

Povoado com uma boa quantidade de personagens, afirma Petit (2009, p. 93), “o leitor fica menos sozinho, um pouco mais preparado para enfrentar o desconhecido”.

E, finalmente, a liberdade sentida pelo leitor vem da autonomia que tem para constituir os diferentes sentidos que a obra lhe despertou. E não só essa liberdade. Ao abrir-se para o outro experimenta a possibilidade de viver outros tempos, de conhecer outras civilizações e humanidades, de se sentir menos preso no tempo presente, de provar da intuição, do imaginário e da fantasia.

Recorro, mais uma vez, às palavras de Petit que definem tão bem a leitura como uma prática que não isola o sujeito do mundo. Diz ela que “ler introduz o sujeito no mundo de forma diferente. O mais íntimo pode alcançar neste ato o mais universal” (idem, p.43). Pontualmente, esse introduzir-se ao mundo de forma diferente com a leitura de obras literárias significa que

a leitura desenha um espaço de liberdade e, algumas vezes, de resistência, contribuindo para o desenvolvimento de outras formas de vínculo social, de espaço público, além daquelas em que nos mantemos encerrados como um único homem em torno de um chefe, de um campanário, de um único livro, ou de uma única tela. (PETIT, 2009, p.170)

O leitor é modificado quando lê uma obra. Depara-se com fragmentos do texto que falam muito por si mesmo, que o ajudam a limitar um espaço próprio, constituindo ou reconstituindo a sua identidade. Pouco a pouco, o leitor retoma o seu lugar ao mundo de maneira diferente, tornando-se mais sujeito da sua história e mais pertencente e ativo da realidade em que vive. O leitor pode pensar em sua subjetividade e sentir a sua individualidade; ser autor da sua própria vida, da sua história.

Todo texto é formado por outros textos, por outras vozes que são referências do escritor que está escrevendo. Essas referências podem ser de outras épocas, de outros contextos. É o que Goulemot (op.cit.) chama de “biblioteca”.

Além dos códigos narrativos que estão em obra na leitura, parece-me existir uma cultura coletiva sobre a qual gostaria de me interrogar agora, através da noção de *biblioteca*. Trata-se de textos, mas também de todo um sistema de valores que neles estão em obra. (GOULEMOT, 2009, p.114, grifo do autor)

Para o autor, a leitura é um jogo de espelhos, no qual “o saber anterior – saber fixado, institucionalizado, saber móvel, vestígios e migalhas – trabalha o texto oferecido à decifração”. (p.115)

O livro como uma “biblioteca” cultural, assim colocado por Goulemot, só é possível devido à humanização. O homem produz cultura em todos os contextos e épocas históricas. Essas épocas históricas estão conectadas numa temporalidade contínua, em um movimento de vai e vem no tempo e espaço – o ontem, o hoje e o amanhã não são períodos temporais estanques e sectários. A leitura faz emergir a biblioteca vivida, quer dizer, a memória de leituras anteriores e de dados culturais. (GOULEMOT, op.cit., p.113)

Com a leitura, o universo cultural expande-se porque o ato de ler é troca; é abrir-se ao Outro, a outras temporalidades, civilizações, a novos horizontes, é se apropriar de outras terras, de outras vozes – são essas as funções da cultura.

Buscando caracterizar a especificidade do texto literário, Ricardo Azevedo, autor do texto “Formação de leitores e razões para a literatura” (2004), define a literatura como uma forma de arte feita com as palavras, que pressupõe a motivação estética. Para esse autor, a literatura está ligada à ficção e ao discurso poético.

(...) o texto literário por definição, pode e deve ser subjetivo; pode inventar palavras; pode transgredir as normas oficiais da Língua; pode criar ritmos inesperados e explorar sonoridades entre as palavras; pode brincar com trocadilhos e duplos sentidos; pode recorrer à metáforas, metonímias, sinédoques e ironias; pode ser simbólico; pode ser propositalmente ambíguo e até mesmo obscuro. (AZEVEDO, 2004, p. 40)

Assim sendo, o texto literário é um discurso que permite múltiplas significações e diferentes interpretações. A literatura permite o leitor adentrar no âmbito da subjetividade, da analogia, das fantasias e do imaginário, vai ao contrário do ponto de vista da objetividade, da lógica sistemática que suscita leituras em que o sujeito é apagado perante o objeto.

Tendo isso como pressuposto, nas obras literárias os assuntos humanos são abordados através de histórias inventadas que envolvem personagens, paisagens, outros espaços e contextos. Os livros falam sobre as experiências humanas – o amor, o desespero, as conquistas, a busca de sentido, mudanças de fases vivenciadas pelos seres humanos.

Os leitores no ato da leitura vão-se identificando com os personagens, podem se deparar com palavras que lhes definem emoções sentidas e que estavam esquecidas,

recordam-se de momentos passados, vivem, entre as linhas do texto literário, uma possibilidade de manobra para sobreviver perante as mais tristes realidades. É assim, diz Petit, que os livros tocam o mais profundo da experiência humana.

Ler, como vimos, é conhecer a experiência de homens e mulheres, daqui ou de outros lugares, de nossa época ou de épocas passadas, transcrita em palavras que podem nos ensinar muito sobre nós mesmos, sobre regiões de nós mesmos que ainda não havíamos explorado, ou que não havíamos conseguido expressar. Ao longo de páginas, experimentamos em nós, a um só tempo, a verdade mais subjetiva, mais íntima, e a humanidade compartilhada. (PETIT, 2008, p.94)

A literatura, abordando os assuntos e temas humanos, possibilita que os leitores simbolizem as suas experiências através dos encontros com os personagens que estão nos livros. Esses encontros dão sentido à sua existência, revelam-lhe partes íntimas, ocultas a ele próprio, possibilitam encontrar sentidos para regiões de si que estavam silenciadas e reforçam o espírito crítico, em meio às mudanças sofridas pelos seres humanos.

Embora as mudanças sejam próprias da historicidade humana, na época contemporânea, marcada pela aceleração de transformações e da intensa quantidade de informação, os homens, destaca Azevedo (op.cit.), paradoxalmente buscam uma identidade - sentidos, valores, referências. Nesse nosso tempo de empobrecimento e de ausência da narrativa (BENJAMIN, 1994), em que os limites simbólicos não existem, em que falta espaço para o singular, para a subjetividade, em que se fala pouco das experiências humanas em seu caráter contraditório e ambíguo, delinear a si mesmo, é difícil.

A linguagem literária constituída por símbolos e pelo jogo, combinação entre as palavras, alcança o emocional e a razão dos leitores, permitindo-lhes delinear os seus contornos próprios, delimitar a si mesmos no cotejamento com a linguagem, os valores, os personagens, as tramas encontradas na literatura.

Em “Literatura e identidade: tecendo narrativas”, Garcia (2010) destaca que na inter-relação entre leitura e formação do leitor está implícita a construção da identidade. (p.67). O importante não é tanto o que o leitor está lendo, mas como ele lê, o que ele faz das suas leituras e como as transforma em convicções próprias, como vai sendo formado por suas leituras, como se transforma como sujeito, medido por elas, como vai constituindo a sua identidade. (p.67)

O leitor retira dos livros o que pode usufruir por interesse e por benefício próprio. Azevedo (op.cit, p.38-39) define os leitores como:

peças aptas a utilizar textos em benefício próprio, seja por motivação estética, seja para receber informações, seja como instrumento para ampliar a sua visão de mundo, seja por motivos religiosos, seja por puro e simples entretenimento. (AZEVEDO, 2004, p. 38-39)

No começo do trajeto como leitor, assinala Azevedo, há dificuldade para escolher um livro. Nesse momento, faz-se necessária a mediação – por exemplo, uma conversa com o outro que faça a sugestão de algum livro. Aos poucos, os textos literários deixam rastros fazendo os leitores procurarem por outras obras, motivados por suas buscas próprias, pela curiosidade, pela sua movimentação interna. Com o passar do tempo, e pelo acúmulo de experiências de leitura, o leitor consegue encontrar na literatura quais são os temas que mais lhe despertam a atenção, faz a diferenciação entre as obras, reconhecendo quais são as artísticas, as didático-informativas, religiosas e outros. Ele se forma sujeito habitado por fragmentos, palavras, histórias e emoções que obras literárias lhe suscitaram.

A busca constante do leitor é por leituras que venham ao encontro de seus anseios, dúvidas, medos, incertezas, palavras que traduzam o que está se passando no interior de cada um. Leituras que surpreendam porque tocam em espaços internos que estavam adormecidos, podendo resgatar emoções, vozes e lembranças do vivido.

Muitas vezes, não é a obra inteira que prende o leitor, mas, sim, fragmentos que falam muito a ele e por ele. De fragmentos a fragmentos, de obra em obra, o leitor vai se definindo como sujeito, identifica-se com histórias, personagens, com as obras de certo escritor. Nesse percurso, feito de livros, nunca de uma leitura só, o ato de ler, definido por Fontes (2000) como escolher, colher, juntar, vai ganhando materialidade.

Ler (*legere oculis*) – reunir as letras com os olhos. De qualquer maneira há na palavra ler, a presença do olho que anda ao longo da página, colhe signos e recolhe sentidos que vão sendo ajuntados uns aos outros: ler é um verbo “corporal”. (Fontes, p.77)

O leitor apropria-se do texto muito além dos olhos que percorrem as páginas. É um ato que não envolve apenas a cabeça, o intelectual. Ao contrário, ler possibilita a transição entre a razão e a emoção, entre corpo e o psiquismo. Trata-se de uma atividade que envolve o sujeito por inteiro.

Como afirma Goulemot (op.cit., p.109): “nosso corpo lê, e não somente pelo viés dos olhos ou de nosso psiquismo, uma vez que há uma invasão de sentido por parte da consciência que provou a doença, a saúde ou a morte.”

É assim, corporeamente, invadindo todos os sentidos do leitor que os livros inesquecíveis vão se definindo. Eles encantam os leitores por motivos diversos,

profundamente pessoais. Às vezes eles marcam o leitor porque diretamente ou indiretamente tratam das experiências humanas, outras vezes porque tocam em questões e experiências que afetam a ele, ou ainda porque respondem a angústias ou perguntas que o assaltam em certos momentos da vida, ou porque são bem escritos, porque falam de um outro tempo, porque lhe oferecem um apoio para uma decisão ou uma definição.

Para Bourdieu (2009) “os livros que mais agem são os livros que agem de inconsciente a inconsciente” (p.246). Assim, do ponto de vista da experiência do leitor, classificar os livros em úteis, informativos ou de lazer é falho, uma vez que o leitor é trabalhado por aquilo que lê, por uma palavra o fez reviver uma experiência. Nesse caso, como dizer se foi feita uma leitura útil ou para entretenimento? E aqui está outro aspecto que justifica o porquê que não é possível controlar a leitura de um livro. A relação do leitor com o texto literário é única e de caráter singular.

As preferências dos leitores são muito variadas. Um texto pode despertar emoções, pensamentos, movimentar sentimentos que estão adormecidos em um leitor, e passar indiferente por um outro. A apropriação de uma obra não se dá da mesma maneira por diferentes leitores:

o que faz a felicidade de um entediará ou angustiará ao outro, tamanha é a diferença entre os leitores: de idade, sexo, geração, contextos sociais e culturais nos quais eles vivem, a história própria de cada um e a qual eles devem enfrentar. Tamanho é o inesperado que aí se encontra: pois os relatos, as frases que lhes falam, que os revelam, que os ajudam a dar sentido à sua vida e a resistir são freqüentemente muito surpreendentes. (PETIT, 2009, p. 174-175)

Se os leitores são diferentes, as obras produzidas também o são. Petit destaca que

Se existe uma leitura que auxilia a simbolizar, a se mover, a sair do lugar, e a se abrir para o mundo, existe também uma outra que só conduz aos prazeres da regressão. E se alguns textos nos transformam, há uma grande quantidade que, na melhor das hipóteses, apenas nos distraem. (PETIT, 2008, p.101)

Com o passar do tempo, com a diversidade das leituras que compõem sua história, os leitores identificam as obras literárias de qualidade. Diante dos temas que mais gostam, fazem as escolhas entre o que há de melhor na literatura. Após ler um texto literário, dificilmente se sentirá envolvido com textos empobrecidos – aqueles produzidos pela Indústria Editorial que visa apenas produzir para o consumo na direção de padronizar as pessoas em um único “modelo cultural”.

As obras literárias abordam o contraditório e a ambigüidade, dão espaço para a subjetividade e para as diferentes simbolizações advindas das linguagens que tendem à

plurissignificação. Ao lê-las, os leitores encontram sentidos que estão relacionados às suas experiências como seres humanos.

Petit flagrou os efeitos que surte a Literatura.

A literatura, em particular, sob todas as suas formas (mitos e lendas, contos, poemas, romances, teatro, diários íntimos, histórias em quadrinho, livros ilustrados, ensaios – desde que sejam “escritos”), fornece um suporte notável para despertar a interioridade, colocar em movimento o pensamento, relançar a atividade de simbolização, de construção de sentido, e incita trocas inéditas. (PETIT, 2009, p.284)

Porém isso não implica no endeusamento dos livros, e nem justifica as campanhas que trazem idealizações a respeito da literatura e da leitura. Como foi muito bem destacado por Azevedo, em texto anteriormente citado, é importante lembrar que ler exige esforço e que o chamado prazer da leitura é uma construção que pressupõe treino, capacitação e acumulação. O ato de ler é hábito e como todas as coisas boas da vida, aprende-se também e nesse aprendizado os livros não devem ser objetos que intimidam, ao contrário, entre o texto literário e o leitor deve existir cumplicidade e “a apropriação tem início nesse gesto tão próprio à leitura, cortar e, depois, reunir, colar de outro jeito (...)” (PETIT, 2009, p.242).

Nesse sentido, pela própria leitura os leitores consolidam-se como leitores e tornam-se mais exigentes. Fazem o uso da literatura por motivos próprios – seja para acumular conhecimento, apropriar-se da língua, abrir-se a outras socializações, para o conhecimento de si próprio, para conhecer outros espaços, lugares e tempo.

Nas experiências de leitura, o livro inesquecível - a pesquisa realizada.

Na construção de si mesmo como leitor, não são todas as obras lidas, literárias ou não, que tocam e prendem seu interesse. Há livros que se tornam inesquecíveis por terem mexido com o leitor por inteiro, há também aquelas que nem marcas deixam. As marcas deixadas podem ser profundas, permanecendo no leitor, fazendo parte de sua memória.

O que contribui para isso?

Em primeiro lugar, não é possível gostar ou não de um livro, sem lê-lo. Não são todos os livros que despertam sentimentos que prendem o sujeito do início ao fim. Porém para falar sobre uma obra é preciso lê-la.

As obras literárias são lidas pelos leitores de maneira singular. Da perspectiva da experiência do leitor, os motivos para que um livro o marque, positivamente ou negativamente, são vários.

Um livro pode atrair o leitor pela história que lhe pareceu intrigante; os personagens podem suscitar identificações; as paisagens percorridas durante a leitura podem ser o objeto do encantamento; um livro pode aportar conhecimento sobre um assunto da predileção do leitor; a maneira que escreve do autor também fascina; todos esses elementos se combinam e se misturam ao mesmo tempo.

A obra inesquecível, que pode ser ou não a preferida, pode ser constituída por temas que despertaram a atenção do leitor, ou por assuntos que dialogaram com suas vivências; pode conter fragmentos que deram voz às emoções que o leitor não sabia, até então, expressar; pode tê-lo levado a conhecer espaços de si mesmo até então escondidos; ou ter-lhe mostrado diferentes maneiras de enxergar e compreender a realidade vivida.

Um livro inesquecível movimenta diferentes sensações e dimensões no sujeito, marcando-o; promove a troca de experiências entre os leitores, levando o leitor a falar sobre a obra para o outro, de modo a que possa sentir também o que ele sentiu durante a leitura.

Para me aproximar das experiências de leitura e dentro delas dos livros que se tornaram inesquecíveis para alguns sujeitos, resolvi conversar com diferentes leitores e

ouvir deles, no contexto de suas experiências de leitura, o que tinham a dizer sobre seus livros inesquecíveis. Para tanto, decidi utilizar as entrevistas abertas como procedimento metodológico.

A escolha pelas entrevistas abertas.

As entrevistas abertas envolvem diretamente o pesquisador e o entrevistado e delas resultam relatos orais produzidos durante a interlocução produzida entre eles.

No livro, “Experimentos com Histórias de Vida” (1998), Queiroz assinala que:

A entrevista supõe uma conversação continuada entre informante e pesquisador; o tema ou o acontecimento sobre o que versa foi escolhido por este último por convir ao seu trabalho. O pesquisador dirige, pois, a entrevista; esta pode seguir um roteiro previamente estabelecido, ou operar aparentemente sem nenhum roteiro, porém na verdade, se desenrolando conforme uma sistematização de assuntos que o pesquisador como que decorou. A captação dos dados decorre de sua maior ou menor habilidade em orientar o informante a discorrer sobre o tema; é o informante que conhece o acontecimento, suas circunstâncias, as condições atuais ou históricas, ou por tê-los vivido, ou por deter a respeito informações preciosas. (p.20)

Não basta para o pesquisador ter definido quais são os temas de interesse. Não é somente disso que irá depender a entrevista, pois essa não acontece apenas para o pesquisador por mais que seja ele quem a conduza. O entrevistado está tanto quanto envolvido, e dependendo de como se sente durante a entrevista pode ou não responder àquilo que está procurando o pesquisador.

Em “O antropólogo e sua Magia” (2000), Silva afirma que “a entrevista é um momento privilegiado para a troca de informações e de percepções entre as pessoas que dela participam. Estabelecer uma relação de confiança, favorável à sua realização, é muitas vezes, um processo complicado, exaustivo (...)” (p.41).

Durante a conversa, o entrevistador vai trazendo os temas de seu interesse para o entrevistado falar. A maneira como o entrevistador aborda a pessoa para a entrevista e como a conduz é determinante para o desenvolvimento desta, pois é importante que o entrevistado se sinta confortável, o quanto possível, e seguro, para com menos timidez, falar, contar sobre o que lhe está sendo perguntado.

No caso específico deste trabalho, optei por uma entrevista aberta, direcionada por duas grandes preocupações - obter do entrevistado dados sobre sua história como leitor e indicativos de sua relação com um livro inesquecível.

A opção por essa modalidade de entrevista nasceu de meu temor em ficar presa a um roteiro de questões, com pouca flexibilidade, passando por cima, até mesmo, do que o entrevistado pudesse falar.

Ao contrário do roteiro fechado, pensei em temas que me guiassem durante as entrevistas de maneira que fossem a base para a conversa entre mim e o entrevistado, sem me sentir obrigada a fazer as mesmas perguntas para todos eles.

Segundo Queiroz, nesse tipo de entrevista, durante a conversa com o entrevistado:

o colóquio é dirigido diretamente pelo pesquisador [que] pode fazê-lo com maior ou menor sutileza, mas na verdade tem nas mãos o fio da meada e conduz a entrevista.(...)Conhecendo o problema, busca obter do narrador o essencial, fugindo do que lhe parece supérfluo e desnecessário. E é muito mais fácil a colocação do ponto final neste caso, assim que o pesquisador considere ter obtido o que deseja. (QUEIROZ, 1988, p.21)

Durante a entrevista é importante que o pesquisador saiba em que lugar quer chegar com a conversa com o entrevistado. É fundamental, ter em mente, quais são os seus pontos de interesse para melhor conduzir o diálogo. Saber aonde quer chegar não é a garantia de que isso vai acontecer, pois não é possível ter o controle absoluto durante uma entrevista aberta, porém é necessário conduzi-la de acordo com os pontos de interesse do pesquisador para não correr o risco da entrevista ter o fim nela mesmo.

Além disso, é válido, durante as entrevistas, o pesquisador ter os olhos e ouvidos bem abertos. Não descartar, logo de início, o que está falando o entrevistado. Por mais que o entrevistado esteja falando o que parece não estar relacionado diretamente com os pontos de interesse da entrevista, é através dessas falas que o pesquisador pode encontrar pequenos espaços para fazer a pergunta principal de seu interesse. Ou mesmo, pode acontecer do entrevistado falar sobre algo que, durante a entrevista, não faça sentido, porém, depois, ouvindo por inteiro a entrevista, pode fazer e até mesmo ser pequenas peças para montar o quebra cabeça.

A bem da verdade, eu sabia que uma pergunta precisava ser feita: qual seu livro inesquecível? Durante as entrevistas, o meu objetivo era chegar a ela.

Fiz essa pergunta a mim mesma e não foi rapidamente que me recordei. No início, pensei que não tivesse um livro inesquecível, depois, ao me lembrar dos livros que li, lá em um lugar particular de mim mesma, encontrei, guardado o livro que foi marcante para mim.

Devido à dificuldade que eu mesma experimentei, fui bastante cautelosa com as entrevistas e percebi que meus interlocutores quando interrogados sobre uma obra lida por eles, que se tornou inesquecível, hesitavam. Diziam-me que não era fácil responder a essa pergunta. Voltavam-se então para si mesmos, para suas experiências, para suas lembranças e ali encontravam o livro, ou fragmentos desse livro, que o compunham como sujeito.

Depois de lembrarem-se da obra - do título, sobre o que traz a obra, as histórias, os personagens, quem é o escritor - os leitores contavam o que estavam vivendo quando leram o livro inesquecível e os sentidos que encontraram e produziram em interlocução com ele. Encontravam assim as razões que o mantiveram presente dentro de si e o movimento em direção ao outro por ele suscitado.

Estava consciente de que obteria muitas respostas diferentes das que eu queria escutar, como exemplo, da pessoa dizer que não tinha nenhum livro de que tivesse gostado em especial, ou mesmo que não queria falar porque não se lembrava de nenhum. Mesmo assim decidi correr o risco que todos que trabalham com as entrevistas abertas correm: o de as entrevistas não acontecerem da forma como planejaram.

Definido o procedimento da entrevista aberta e sua temática, meu segundo passo foi pensar em quais sujeitos ouvir. Decidi ouvir variadas experiências de leitores, sem me preocupar com a quantidade e sim em entrevistar pessoas com diferentes idades e com vivências diversificadas.

Fiz a entrevista com seis pessoas. As três primeiras foram encontradas na Biblioteca Municipal de Sorocaba. A minha escolha pela Biblioteca baseou-se na suposição de que nesse espaço eu encontraria leitores.

A primeira pessoa, com que fiz a entrevista, é bibliotecária dessa Biblioteca. E quando estávamos quase chegando ao final da entrevista, um senhor passou por nós e se despediu da bibliotecária, naquele momento da minha entrevistada. E quando ele estava quase sumindo do meu campo de visão, a bibliotecária fez um comentário sobre o senhor, que passou por nós, dizendo que ele era um leitor que com frequência estava na Biblioteca. Fiquei muito curiosa em ouvi-lo e fui atrás dele, pedindo-lhe uma entrevista. Ainda nessa Biblioteca, fiz entrevista com mais uma pessoa.

As três últimas entrevistas foram feitas na Unicamp, com alunos. Os sujeitos entrevistados estão vivendo diferentes situações. Fiz a entrevista com duas estudantes da graduação. Optei por entrevistar um estudante da área das exatas, uma estudante de

pedagogia e uma mestranda em Educação, que é professora na escola pública de Ensino Fundamental.

As entrevistas foram longas. Muitas delas duraram mais do que uma hora e foram gravadas em áudio com a permissão dos entrevistados, a quem se assegurou que sua identidade seria preservada.

O gravador é um instrumento utilizado pelo pesquisador durante as entrevistas abertas. Por mais que desperte, no entrevistado, um constrangimento por saber que o que ele está falando será gravado, este instrumento é fundamental para que o pesquisador possa trabalhar intensamente com o relato oral obtido. Queriroz (op.cit.) sinaliza também que a gravação em áudio permite

conservar com a maior precisão a linguagem do narrador, suas pausas (que pod[e]m ser simbolicamente transformadas em sinais convencionais), a ordem que [dá] às idéias. O documento resultante é sem dúvida mais rico do que aquele registrado pela mão do pesquisador (...). (p.17)

Além disso, o gravador garante o registro do depoimento na sua totalidade, obrigando o pesquisador a se deter também nas partes da conversa que não lhe pareceram de seu interesse.

Tentando contribuir para que o constrangimento fosse diminuído, segui as orientações de Queriroz (op.cit.) que recomenda que o pesquisador faça uma apresentação de si mesmo e da sua pesquisa de forma clara para que o entrevistado se sinta seguro para a conversa, sem ficar o tempo todo, durante a entrevista, pensando, controlando o que está falando para não ser prejudicado de alguma maneira.

No começo do diálogo, senti que as pessoas não estavam à vontade para falar e que, com o passar do tempo, conforme a conversa se desenrolava esse sentimento de insegurança e estranheza foi diminuindo, tornando-se a relação entre entrevistado e pesquisador mais confortável.

Depois do trabalho de campo, dediquei-me à transcrição das entrevistas, que consiste em passar o depoimento oral obtido para a forma de texto escrito, garantindo a preservação do relato.

Com as entrevistas transcritas, iniciei a análise dos depoimentos, procurando identificar, nas falas dos sujeitos, algumas categorias que me interessavam: a caracterização de suas atividades profissionais, suas relações com a leitura - por quê/para quê lê, onde, quando, com que frequência - elementos da sua história de

constituição como leitor, o papel que atribui à leitura em sua vida e na vida social, e seu livro inesquecível.

Com isso, afinei o meu olhar para os meus objetos de interesse que apareceram durante as conversas com os entrevistados.

Por último, enfrentei o desafio de transformar em texto os depoimentos analisados.

Como destaca Silva (op.cit.), o texto é uma produção do pesquisador, que tem por base o que ele vivenciou com os entrevistados, mais o próprio depoimento transcrito e as indagações de seu interesse. É importante que nesse texto estejam partes flagradas pelo olhar do pesquisador, um âmbito subjetivo, que se aproxima ao máximo das vivências de campo, mas também que não perca a sua cientificidade.

Os sujeitos da pesquisa e suas histórias de leitura.

Conversei com seis pessoas, de idades diferentes, que vivem contextos diversos. Na escolha de quem entrevistar, o requisito foi amplo e abrangente, evitando fazer as entrevistas com um grupo determinado e específico de pessoas.

De modo a preservar a identidade dos entrevistados, seus nomes não serão revelados. Eles serão identificados por nomes fictícios.

Mariana foi primeira entrevistada. Tem 59 anos e trabalha há 13 anos como auxiliar na Biblioteca Municipal de Sorocaba. Ela é responsável por organizar o acervo e por ajudar as pessoas, que vão à biblioteca, a encontrar os livros que estão procurando.

Durante a entrevista, ela definiu a sua atividade muito claramente, indiciando que reconhece a importância do seu trabalho na Biblioteca:

“Então a gente vem vindo né. Eu fiz muita questão assim de aprender mesmo o acervo, arquivar livros, saber os autores. Nós temos ali o arquivo ... às vezes, a pessoa vem e diz: “Eu quero tal livro...” Eu já vou direto e pego o livro. E a pessoa fala : “Nossa, nem foi lá no arquivo para ver o livro! Não, porque eu já sei , porque sou eu que arquivo né.(...) aqui na biblioteca é tudo separado.Aqui é mais difícil pra quem não sabe , é mais difícil. Aqui você arquiva pelo autor,o número do autor,a sequência do livro e também o abecedário. É um monte de coisinha. Porque se você arquivar um livro errado vai ser muito difícil achar.”

Sua atividade, dentro da Biblioteca, vai além de cuidar da organização e manutenção do acervo dos livros e de ajudar as pessoas a acharem a obra que estão procurando. Muitos sujeitos vão até ela para pedir alguma indicação de livro, para saber se ela conhece certo autor e em seguida pedem informações sobre as suas obras. Ela

relatou que os leitores recorrem a ela para que indique livros que venham ao encontro de suas necessidades. Com frequência elas procuram livros que abordem acontecimentos de nível pessoal. Depois de ouvir o que as pessoas estão querendo, a auxiliar da biblioteca faz a sugestão de autores, títulos, conta a sinopse dos livros para a pessoa possa escolher um livro.

Então a pessoa chega aqui e fala assim : “Viu,eu to assim meio ... angustiado e queria um livro de auto-ajuda.Você tem alguma coisa pra me indicar?” Daí eu indico o autor Lair Ribeiro,Trevisan,e vários outros ... o Augusto Curi . Eu mostro os títulos e a pessoa fala : “Ah, é esse aqui que eu quero ler!” Aí na volta tem o retorno: “Olha , foi ótimo,muito bom. Eu me senti muito bem lendo aquele livro.Eu fico gratificada. Apesar de eu não ter lido aquele livro, eu confio nas pessoas que leram e falaram para mim.”olha , esse livro aqui tal,a pessoa ta caída assim ... você pode indicar esse livro aqui.” Então é coisa assim que eu guardo pra numa hora assim a gente indicar pra pessoa.

Mariana realiza seu papel de mediadora valendo-se das referências que lhe são confiadas pelos frequentadores da biblioteca. Ela procura estar atenta às conversas com os leitores, para conhecer suas opiniões a respeito dos livros e autores lidos, para que ela possa fazer a indicação, quando alguém lhe perguntar.

“(...) Às vezes os próprios leitores da biblioteca vêm aqui e eles falam: Viu , você já leu esse livro? E eu falo não...Então, ele fala: “Ah , leia ,é muito bom !”. Às vezes, eu não consigo ler,mas eu indico para as pessoas: Olha , esse livro aqui uma pessoa leu e disse que é muito bom ! Aí a pessoa leva o livro,e depois quando retornam, falam pra mim: “É excelente o livro”.Então às vezes eu até pergunto: “Você gostou de tal livro?”E a pessoa responde: “Nossa, gostei demais”. Então para que eu possa dar indicação eu me baseio no que os leitores me contam, porque geralmente as pessoas perguntam pra mim.”

Disse-me que se sente gratificada quando as pessoas voltam e dão, para ela, um retorno sobre os livros por ela indicados. Esses retornos a motivam a estar atenta às conversas com os leitores a fim de manter e ampliar suas referências sobre os livros que compõem o acervo.

Durante a entrevista, Mariana contou-me que suas experiências de leitura foram surgindo na convivência com os livros e leitores na biblioteca. Durante os seus anos, na escola, não fez a leitura de obras literárias, e sim, a leitura dos materiais didáticos.

Na época era só livro mesmo de escola que a gente lia. A pessoa tem o segundo grau, nenhuma escolaridade a mais. Mas tudo isso eu aprendi muitas coisas.

Passou a ler quando começou a trabalhar na biblioteca.

Eu acho muito bonita a pessoa que lê ... E a biblioteca tem muitos leitores... Eu não era muito de ler não. Depois que eu entrei na biblioteca passei a ler mais.

Olha , eu gosto de ler , mas assim ,eu gosto de pegar um livro e ler,e começar a ler. Mas se alguma coisa me atrapalha eu já perco sabe a meada da leitura e já ... Aí depois que termino de fazer o que eu tenho que

fazer, ou atender, daí eu volto, mas sabe quando já não é assim que você tá mesmo engrenado e diz: agora eu vou. Não dá mesmo para ler. A não ser que você pega assim para ler em casa. Mas chega em casa tem os afazeres de casa para fazer e também já complica.

Antonio foi meu segundo entrevistado. Ele é contabilista aposentado.

“ Sou contador profissional, de contabilidade, formado em Ciências Contábeis. Superior completo. E, agora eu, atualmente tô paralisado então eu não tô exercendo a profissão e então eu tô usando o tempo para eu vir aqui, eu aproveito pra ler.”

Todos os dias, ele frequenta a biblioteca. Vir até a biblioteca é a sua primeira atividade, depois de acordar. Acredita que ler é usar o tempo de forma útil, não o desperdiçando com programas televisivos, ou ficando nas praças e em bares.

Venho todos os dias. Eu venho. Eu gosto de ler! De segunda a sábado. De segunda a sexta, eu venho de manhã. Primeira coisa que eu faço no dia, é vir aqui. E no sábado, o horário, eles abrem à uma hora da tarde, então venho a tarde.

Venho para agregar conhecimento e usar, né, investir no tempo. Por que eu vou ficar fazendo o que? É uma maneira de aproveitar o tempo. Usar o tempo de forma útil, né? Eu podia muito bem estar ai na praça fazendo baderna, arruaça, estar em bar bebendo.

Durante a entrevista, Antonio disse de sua predileção pela História Antiga. E que as suas procuras por livros, são guiadas, muitas vezes, por esse gosto pela história antiga.

“Eu sou seletivo nos assuntos, mas a escolha do livro é aleatória. Eu tenho predileção pela história antiga. Egípcios, Império Romano, os romanos. Eu gosto disso! Começou como curiosidade e depois eu achei de implementar isso, eu percebi que eu gosto e eu venho aqui eu devoro tudo o que é livro e recentemente eu li um livro de um escritor é francês, sobre Ramsés.”

São assuntos que me fascinam, me cativam, ainda, há os históricos e aqueles que são ficção, são em forma de romance, as conspirações, né.”

Além de livros relativos á História Antiga, Antonio lê de livros de culinária e justifica dizendo que tem descendência italiana e por isso se interessa pela culinária, especificamente, a italiana.

Ai, depois eu também (risos), gosto muito por incrível que pareça e eu tenho, assim, uma descendência italiana então eu tenho atenção por culinária...e eu gosto de ler, de conhecer...- É eu tenho interesse!Inclusive eu pratico...

Contou também que tem lido, com frequência, os livros sobre Budismo do Dalai Lama. E que os motivos dessas últimas leituras são de ordem pessoal.

Eu leio o do Dalai Lama, porque esses livros, ontem ou anteontem, eu conversando com a minha vizinha eu falei pra ela “Hoje, eu me defino como um católico – judeu – budista tibetano. Budista Tibetano, eu tenho uma atração pelo budismo do Tibete, não do budismo da China, budismo da Índia, do Japão...nada disso! Eu estou começando agora com essa história aí. Eu estou começando agora a ler esse livro de Meditação do Dalai Lama justamente para ver se eu meloro o meu dia a dia, como ser humano, se é que eu posso falar isso, né, a minha conduta pautar para uma conduta mais, sei lá, se seria honesta, mas, é uma conduta.

Antonio iniciou-se nas experiências de leitura desde pequeno quando, na casa dos seus avós, por parte de pai, lia os jornais. Porém, especifica que o seu interesse por ler, consolidou-se depois de adulto.

Eu acho que eu comecei a ler... acho que... jornal, desde criança eu leio porque na casa dos meus avós paternos sempre eles assinaram o Estadão. Mas livro assim, eu não tinha hábito esse é um hábito que eu adquiri adulto. Olha, já tardio, viu!?Acho que depois que eu... É o que eu falo, viu, eu fiz o ginásio, fiz tudo. Até o ginásio você tem uma visão da vida, dos estudos ... depois que você cursa a universidade a sua mente muda, a sua mente fica aberta, é outra visão das coisas. Eu acho que foi aí que eu comecei a ler.

Reconhece que foi durante a graduação que o hábito pela leitura desenvolveu-se. Porque muitas leituras que fez, foram instigantes no sentido de desmistificar conceitos que adquiriu durante a infância e a juventude na convivência com uma família católica. As leituras feitas foram responsáveis por mudanças de conceitos e por abrir a mente e ter novos e outros olhares.

Os meus conceitos mudaram, modificaram. Aquilo que numa família tradicionalmente católica, né, pra exemplificar, então tinha coisa que era pecado, que não podia, não podia nem tocar no assunto que já ia ser condenado no inferno, né?! (risos) Então, eu, tudo isso depois que eu fiz a faculdade mudou...

Na entrevista, falou sobre o seu gosto por livros grossos e que não se intimida diante deles. E ao pensar, nos últimos livros lidos, percebeu, por coincidência, que tinham no mínimo 500 páginas.

Ronaldo foi a última pessoa entrevistada na Biblioteca Municipal de Sorocaba. Ele tem 63 anos e atualmente, trabalha como free-lancer. Antes disso, trabalhou como bancário e publicitário.

Ah, eu tive várias profissões já né, então, hoje, eu sou um “freelancer”, trabalho com venda de livros, vendo mel, então eu sou uma pessoa que teve várias profissões. Bancário, publicitário, “freelancer” mesmo agora!

Sua profissão atual lhe permite tempo para as suas leituras, que o prendem por 3 a 4 horas, sem que ele perceba.

Eu dedico um tempo da minha vida à leitura. Eu trabalho um pouco, leio um pouco, todos os dias. Porque eu encaro a leitura como uma atividade cultural, normal, informativa, e até mesmo para ajudar nas relações sociais... Eu estou lendo um livro sobre o Oriente Médio de Bernard Lewis, um escritor americano. Então ele, justamente ele coloca questões, perguntas “Por que que o Oriente Médio está nessa situação?” então tem uma série de respostas e a conclusão dele é por exemplo, a seguinte: É assim, tivemos durante um bom período depois do Império Romano, a dominação muçumana e depois se tornou mais, hã, somente de turcos, que desenvolveram uma série de fatores ligados á ciência, por exemplo, a astronomia, né, e aí, o que aconteceu, depois houve um avanço na Idade Moderna do ocidente, descobrindo novas coisas, etc, e com o tempo por causa do islamismo exagerado, o fanatismo religioso, o Oriente Médio foi ficando pra trás, até o Imperio otomano todo ser tomado, né, é depois do século XIX. Então, a conclusão é a seguinte : Eles deixaram a ciência de lado e então mergulharam no fanatismo religioso e esse é um problema atual, ou seja, Bin Laden por exemplo, é o representante de um grande fanatismo que existe em vários lugares e a conclusão dele é a seguinte, o homem bomba é uma metáfora do que pode acontecer com o próprio Oriente, é o que pode acontecer se continuar com esse atraso cultural, anti-científico e agora não dá mais para segurar com a internet, com o facebook, essas coisas, chega uma hora e a solução é a seguinte eles têm que mudar!

Quando eu estou em contato com a leitura o mundo é outro, digamos assim, o momento é outro, porque é sempre um diálogo com quem está escrevendo. É um momento único, né?! Ou seja, é não tem momento igual no dia em qualquer lugar que você vá...você e o livro é um momento único.

As suas experiências com a leitura tornaram-se mais fortes e presentes na sua vida desde os 12 anos, ao fazer a leitura de jornais na casa de um vizinho. Foi na época em que fazia cursinho, aos 18 e 19 anos que fez leituras que lhe mostraram o marxismo. Essas foram leituras que lhe despertaram muita atenção. A partir de então, passou a ler com frequência.

O hábito da leitura começou pelos jornais porque, na verdade, eu já, desde os 12, 13 anos, eu tinha um vizinho, né, que além de assistir a televisão do vizinho, eu também lia o jornal lá na casa dele “O diário de São Paulo” na época. Que aliás, é um jornal que escondia muito a verdade, e tinha o interesse de mostrar só um lado das coisas!Aos meus 18 e 19 anos, estava fazendo cursinho em São Paulo e agente já então, hã, eu não pertencia a nenhum grupo clandestino e a nenhum partido, mas eu já era um combatente de rua, né. Nessa época comecei a ler sobre o marxismo. Não que eu seja uma marxista, eu sempre brinco que eu sou um “marxista light”, claro, porque tudo mudou também e agente muda e eu não sou radical.

As leituras que mais o agradam são aquelas que mostram a realidade em suas contradições, despertando o sendo crítico.

Então, eu me interesso por livros que mostram essa realidade que ninguém vê, e que a história mostra. A gente procura a ler também pra não bancar o palhaço mesmo, né, porque pra não bancar o bobo porque se não você fica uma pessoa que acredita em tudo e fica nas malhas das religiões e etc, você tem várias tendências, né, leituras ideológicas, teológicas.

Na verdade o que importa, é você conhecer o outro lado da história, o outro lado da cidade, o outro lado dessa visão aparente que está por aí. Todo mundo correndo, todo mundo vivendo, sem saber pra onde, e o

que está por trás? Então, eu me interesso por livros que mostram essa realidade que ninguém vê, e que a história mostra. O que eu quero perceber também é o seguinte, o que se faz, hoje, porque você tem uma história...

Na biblioteca, estava lendo um livro que trazia o contexto da história de Sorocaba, especificamente, contava a história dos espanhóis na cidade. Disse que a história que o livro trazia o fez entender de tudo um pouco da cidade de Sorocaba, da arquitetura até a sua posição geográfica atual.

Claro, eu compreendo o mundo a nível internacional e local, eu estou em Sorocaba, então eu também to lendo, e eu leio aqui na biblioteca, porque assim, eu tenho o meu “cartãozinho”, né, então, é eu pego os livros e leio em casa, leio no ônibus, leio onde der, leio em parques, é, escolho os momentos certos, né, o Campolim, aqui, né verdade, e aí é o seguinte, quando é livro mais internacional, de histórias, etc, etc, agora, aqui eu leio jornais, revistas e leio os livros sobre Sorocaba. Por exemplo, to lendo o livro dos espanhóis que é a história do Arle Ponte, por exemplo. Leio pra vida, né? Na medida em que eu conheço a história dos espanhóis, eu conheço a cidade, eu conheço quem está andando na cidade, eu começo a entender, não é, o que que é realmente o Arle Ponte, Barcelona, Parada do Alto, enfim toda aquela região dos espanhóis, né? E quem foram os pais dos atuais donos do comércio da cidade.

É o conhecimento prático, diário, de conviver com a cidade. Trabalhar com o livro como diz o, hã, acho que é o Sábado Magaldi que é um crítico que diz assim que você não pode ser uma esponja, você tem que ser uma pessoa que critique também o autor que está escrevendo pra saber se é daquele jeito mesmo, né?!

Rafaela está no terceiro ano do curso integral de Engenharia Química e tem 21 anos. Encontrei-a, em uma tarde, na Biblioteca Central da UNICAMP, estudando para as provas.

Devido ao ritmo intenso da graduação, Rafaela falou sobre o inexistente tempo para ler obras literárias que a interessam e que não fazem parte do seu curso de Engenharia Química. Mas que procura ter esse tempo para ler, principalmente quando as provas não estão por perto. Destacou que as férias são períodos em que ela mergulha nos livros com histórias interessantes e que foram pesquisados e achados enquanto estava em período letivo.

O seu interesse é por leitura de romances e que tenham aventuras.

Eu leio muito romance. Atualmente, estou lendo um livro da Norah Roberts, são duas histórias, “Beijos Roubados” é o nome do livro. É legal!

Eu não sou uma pessoa muito encantada, (risos)...! Eu acho que eu gosto mais da aventura do que da fantasia.

Não foi a escola a principal responsável por lhe despertar o gosto pela leitura. E sim, a sua mãe que lia para ela, quando ela era criança, e depois, fazendo indicações de livros para a leitura.

Eu gostei das leituras da escola. Eu sou uma pessoa difícil de não gostar de livros! Então assim, gostei bastante de ler Memórias de um Sargento de Milícias, hã, até Iracema que o pessoal reclama muito eu gostei e li mais de uma vez porque era curtinho. Eu gostei!

Enfim, desde o comecinho a gente lia bastante na escola. Mas eu acho que, hã, não foi na escola, acho que foi mais em casa mesmo [que aprendi a gostar de ler] porque desde pequena a minha mãe lia pra mim... Na minha casa lia-se muito.

Sim! Eu acho que foi isso! Eu acho difícil [gostar de ler] se você não tem o hábito, mm, a não ser que a pessoa...bom...não sei! Pela escola deve ser dado o gosto pela leitura, porque lê-se muito pouco, né.

A mãe da entrevistada é professora de Geografia e, durante a entrevista, Rafaela falou que, frequentemente, via a sua mãe lendo livros e que leu muitos livros que foram indicados por ela. E muitas vezes, as duas comentavam sobre as obras literárias que leram. Tanto assim, que ela gosta de indicar livros aos outros.

Marília foi a outra estudante da Unicamp entrevistada. Ela está no quarto ano (último ano) do curso integral de Pedagogia. Ela tem 21 anos e é de Porto Ferreira. Por estar no final da graduação, nesse momento, faz planos para o futuro. Quer ser professora de Educação Infantil e primeiros anos do Ensino Fundamental e pensa, também, em fazer carreira acadêmica, podendo atuar como professora de Ensino Superior.

Durante a escola, leu muitos livros que eram as leituras obrigatórias pedidas pelas professoras para depois fazer uma prova para comprovar se o livro fora lido. Ana detalhou sua experiência escolar de leitura.

A professora de Português, ela selecionava quatro livros pra gente ler por ano e aí a gente lia um por bimestre. Ela apresentava no começo do ano quais eram os livros e aí a cada bimestre você tinha que ler um e aí ela marcava a data da prova e tipo eram perguntas sobre o livro assim só para conferir se você tinha lido o livro ou não. Mas assim eu percebia que ela tinha uma preocupação de trazer livros que tratassem de temáticas relacionadas, assim, com questões que ela queria discutir. Eu li muitos livros sobre vício de drogas, é de bebidas mesmo, conflitos de adolescência que não eram também o que eu estava passando sabe, eu não gostava muito assim dos livros.

Eu geralmente eu não gostava dos livros porque eu achava eles bem fracos assim, ou tratavam de temas muito polêmicos que não eram o que eu estava vivenciando, de drogas, até mesmo de sexo e tudo o mais. E eu ficava até constrangida com os livros.

Lidos os livros, fazia-se uma prova sobre o livro, não tinha espaço para a discussão. A leitura era feita em casa, não tinha nenhuma outra exigência. A única exigência era que a gente chegasse no dia da prova com a leitura pronta. Se você leu em dois dias, se você leu em um mês...

Ah, eu não lembro de discutir os livros, não. Tipo, a gente discutia perto da prova assim, sabe, com medo “ai o que será que vai cair na prova?” “ai o que você entendeu disso?” mas nada assim também gostei do livro. Não, não tinha isso de conversas assim com as minhas amigas. - As vezes as professoras passavam assim e meio que padronizava assim por alguns anos, justamente pro aluno vender para o outro. Entendeu?Então, geralmente acontecia, as professoras, as próprias professoras intermediavam assim. Elas “ai esse e esse livro os alunos ano passado leram então se vocês quiserem conversar com eles pra comprar o livro, tal, e aí a gente acabava comprando, assim, eu, a maioria dos livros que eu lia eu acabei comprando, ou de outra turma, ou de outro aluno, ou o meu irmão tinha mesmo.

A escola foi um espaço importante para despertar o gosto pela leitura, mas não o principal, pois na sua casa, tinha acesso aos livros. Ela tem um irmão mais velho, e sempre o viu fazendo as leituras dos livros que, no final, acabava lendo também.

Na entrevista, Marília disse que gosta muito de ler e que já leu muitos livros e, em cada fase da sua vida, ela tem um livro que gostou muito.

Mais eu acho que cada fase tem um livro mesmo e o problema é que eu gosto muito de ler, né, então tenho livros e livros assim, mais é aquilo tem um livro que sempre marca assim, acho uma fase, por ele está indo de encontro com o que você busca, com o que você está vivenciando mesmo naquele momento .

Ela também apontou que, nesse momento, tem se voltado mais às leituras que são pedidas na graduação de Pedagogia, e que, nas férias, aproveita o tempo para ler outros tipos de livros.

A última entrevistada tem 32 anos e é professora do primeiro ao quinto ano. Ela se formou na Unicamp. E atualmente é professora de uma sala do quarto ano do Ensino Fundamental e está fazendo mestrado, também na Unicamp. Seu nome é **Miriam**.

Há alguns anos vem trabalhando com turmas de quarto ano, crianças na faixa etária de 9, 10 anos e considera que a escola tem um importante papel na formação de leitores.

Ah, é bem bacana. Importante na escola, os alunos terem acesso as leituras, porque se não tiver na escola, vai ter aonde?

Foi na escola, tanto na infância quanto na juventude, o lugar em que a entrevistada leu muitos livros.

Eu já tinha tido contato na escola, com outros livros. Eu lembro que quinta e sexta série a gente lia muito aqueles livros da coleção Vagalume, da Editora Ática.

Entre os livros lidos havia aqueles que a fisgavam e outros não tanto assim. Na escola a leitura era acompanhada pela realização de fichas de leitura que ela não sentia dificuldade para fazer. Assim como ela, a maioria dos seus colegas de classe gostava de ler.

Eu nunca tive problema com isso na escola. E eu acho que a maioria dos meus colegas também não. Tinha a leitura obrigatória, mas a gente curtia ler. Eu curtia, pelo que eu lembro, os meus colegas também, era uma coisa tranqüila. Tinha sempre uma prova pra fazer, mas não era...era aquela coisa, era sossegado assim, você tinha que ler o livro e era uma atividade, acho, que verificava se você leu mesmo. Talvez se não tivesse sido uma leitura obrigatória, se não tivesse na escola, a proposta dos alunos lerem determinado livro, eu não tivesse lido alguns desses livros.

Além da escola, na sua casa, teve incentivo e estímulo para ler. Uma presença muito atuante, nas suas experiências de leitura foi o seu pai que sempre gostou muito de ler e a quem via ler, desde pequena. Ele era um frequentador de sebos, onde comprava os livros de que gostava muito e os livros de que as filhas gostavam. Por seu amor aos livros, o pai dificilmente vetava a compra de livros.

“Lia, ele sempre leu muito. Tem uma biblioteca enorme e até hoje, lê o tempo todo. Então quando a gente pedia livro de pequena “Ah, livro, então a gente compra!” Era uma coisa a que a gente sempre tinha acesso.”

Analizando as histórias de leitura

Em interlocução com as entrevistas, alguns temas se destacaram. O primeiro a chamar minha atenção foi a diferença ao papel atribuído à leitura pelos homens e pelas mulheres entrevistadas.

Para os dois homens entrevistados, Antonio e Ronaldo, o que os mobilizava para a leitura era o conhecimento, em especial o conhecimento histórico como uma forma de ter um espaço no mundo, de sentir-se pertencente a ele e consciente do que está acontecendo. Ambos destacaram em suas falas a importância social da leitura.

Entre as mulheres entrevistadas as referências predominantes à leitura foram seu caráter de lazer e ajuda pessoal. Ao explicarem o que as motivava a ler, as intenções de adquirir conhecimentos, de ter acesso ao saber ou de estarem “antenas” com as situações vividas no mundo não estavam presentes.

Vi nessa distinção um traço das diferenças de gênero e as elegi como uma categoria de análise. Como essa foi uma categoria que não estudei mais detidamente na graduação, para abordá-la recorri a um texto de LOURO¹ (1998), intitulado “Gênero, Sexualidade e Educação”, que se propunha a ser uma introdução sobre essa questão. Nesse livro encontrei alguns conceitos e teorizações que me ajudaram a compreender as diferenças de gênero como uma construção histórica das relações entre homens e mulheres, nas diferentes instituições sociais em que se constituem - família, escola, igreja, trabalho, etc.- feita a partir de um dado lugar que se toma como norma ou como centro. A norma é composta por um conjunto de comportamentos definidos como masculinos e femininos, que regulam as práticas cotidianas em que se envolvem todos os sujeitos, sendo vividos como naturais, em um processo continuado e imperceptível que separa os gestos, os gostos, as tarefas de homens e de mulheres. Essa norma, durante muitos séculos, definiu, no Ocidente, o privado como espaço do feminino e o

¹ Guacira Lopes Louro é uma estudiosa das questões de gênero, que são abordadas por ela em uma perspectiva pós-estruturalista. Recorri a seus estudos por considerar relevante entender essa dimensão da constituição social humana.

público como o espaço do masculino. Essa distinção, ainda que não eternizada, ajudou-me a compreender alguns dos achados da pesquisa.

Outro elemento que se destacou para mim nas entrevistas foi a relação entre a atividade da leitura e o tempo. Essa relação foi meu segundo foco de análise. Para realizá-la recorri aos estudos de E. THOMPSON², aos quais tive acesso durante a graduação.

E. P. Thompson, no texto “Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial”, evidencia o tempo e sua percepção pelos sujeitos como uma construção histórica. A partir das experiências vivenciadas pelos sujeitos na sociedade capitalista nascente, ele investiga de que maneira a mudança na percepção do tempo, que ocorreu como consequência de diversos fatores, acentuando-se a partir da Revolução Industrial, afetou a disciplina de trabalho e influenciou a percepção interna de tempo pelos trabalhadores. (p.269)

O terceiro foco eleito diz respeito aos mediadores da leitura. A dimensão intersubjetiva dessa atividade, tal qual abordada por Petit, foi outra categoria de análise assumida neste trabalho.

Aprendi, no processo desse Trabalho de Conclusão de Curso, que a análise é um trabalho intelectual meticuloso e exigente, do qual me aproximei com dedicação, mas que resultou, em alguns aspectos ainda superficiais. Entendi o quanto o adensamento do conhecimento de diferentes campos é fundamental para a realização dessa atividade, que é o cerne da pesquisa. Reconheço, também, que esse exercício, ainda que inicial (e iniciático, segundo minha orientadora), abriu-me campos de compreensão novos e uma nova relação com os estudos teóricos desenvolvidos ao longo da formação.

As mediações da condição de gênero no processo da leitura.

Por entre as diferenças de participação de homens e mulheres nos espaços públicos e privados, cresceram e se formaram muitas gerações. Nessas condições, aos homens franqueou-se a leitura dos jornais, texto caracteristicamente voltado para a

² Edward Palmer Thompson é um historiador britânico de concepção marxista que viveu durante 1924 a 1993. Nega as visões de história estruturalistas, funcionalistas, idealistas, e também positivistas e marxistas ortodoxas. Acredita que o conhecimento é produzido nas relações sujeito e objeto.

divulgação e a discussão das questões públicas, da vida política e econômica e às mulheres, mais abastadas e alfabetizadas do século XIX e inícios do século XX, a leitura como forma de lazer, sob vigilância materna.

O hábito da leitura como lazer, para as mulheres, foi reconhecido pela Igreja Católica apenas a partir do século XX, quando os clérigos passaram a incentivar a leitura de "romances honestos", aqueles que colocavam em cena uma boa lição de moral e que favoreciam a edificação da alma e do caráter. Sob o aval da Igreja, tais leituras alcançaram os setores médios da população brasileira, em edições baratas, do gênero romance-folhetim, vendidas em livrarias e bancas de jornal, apenas no século XX (Cunha, 1999).

Os chamados romances de família não só educaram gerações de jovens brasileiras, modelando subjetividades e inculcando estereótipos e preconceitos que influenciaram o imaginário de seus descendentes, como também fortaleceram a indústria editorial brasileira a partir dos anos 30. Essa literatura de entretenimento, que tinha seus propósitos educativos, assumidos pelos autores e editores e que recebia o aval de instituições de peso como a Igreja, foi também alvo de críticas, como as de Nísia Floreta, que no século XIX já reivindicava o acesso das mulheres a leituras que lhes esclarecessem e fortificassem a razão ao invés do romantismo.

Analisados por Teresa Cunha (1999) em sua intencionalidade normatizadora, esses romances procuravam não perverter a imaginação feminina, garantir o lugar que a mulher deveria ocupar na sociedade, naturalizar a estrutura econômica vigente, bem como as relações inter e intra classes e legitimar as elites brasileiras através de sua identificação com as representações que se faziam das elites européias, que lhes serviram de modelo, notadamente para a educação feminina.

Os "romances honestos", ao assumirem a forma de registro da vida privada, segundo Cunha (op.cit., p.63), estavam para o encontro das preocupações da mulher, contribuindo para educar sua sensibilidade com histórias plenas de detalhes concretos, privilegiando o individualismo, a particularidade, o espaço físico circundante em sua especificidade.

Nessa literatura, *"o modelo feminino [era] dotado de atributos como o refinamento, a compostura, a polidez, a discrição e a elegância, aliados a uma noção precisa da hierarquia e submissão"* (idem, p.29) e o livro era apresentado como um companheiro da mulher.

As representações do livro como companheiro da mulher, analisadas por Roger Chartier (1985), em estudo realizado sobre a França dos séculos XVIII e XIX, através de várias pinturas que retratam o ato da leitura feminina, evidenciaram uma relação de cumplicidade entre a leitora e o livro. O livro aparece como companheiro de sua intimidade solitária. O cenário desse encontro é o sofá confortável, onde, reclinada, a leitora, entre surpresa e lânguida entrega-se ao texto.

Surpresa, eu reconheci nos dizeres dos entrevistados, marcas claras dessa formação histórica em suas experiências como leitores.

Apenas Antonio e Ronaldo, os dois homens entrevistados, referiram-se ao jornal como um poderoso agente na sua formação como leitores. Antonio contou que a leitura de livros foi uma conquista feita na vida adulta, enquanto a dos jornais iniciou-se na infância, na casa dos avós paternos. Ronaldo também sinalizou que o hábito da leitura começou pelos jornais, lidos a partir dos 12, 13 anos, na casa de um vizinho, se intensificou e expandiu, incorporando outros gêneros, ao longo de sua vida.

A leitura de romances não foi enfatizada por nenhum dos dois. Os conhecimentos históricos destacaram-se entre suas preferências. Ronaldo afirmou que busca nas leituras elementos para compreender a realidade em que vive e para não “bancar o bobo”. Nas suas palavras:

“o que importa, é você conhecer o outro lado da história, o outro lado da cidade, o outro lado dessa visão aparente que está por aí. Todo mundo correndo, todo mundo vivendo, sem saber pra onde, e o que está por trás? Então, eu me interesso por livros que mostram essa realidade que ninguém vê, e que a história mostra. O que eu quero perceber também é o seguinte, o que se faz, hoje, porque você tem uma história...”

A leitura, segundo ele, lhe possibilita conviver com a cidade. No entanto, para que essa dimensão da leitura como constituidora da condição de cidadão se instaure e consolide, é necessário que o leitor “trabalhe com o livro”, que ele não seja uma esponja que apenas absorve o que lê, mas que “que critique também o autor que está escrevendo pra saber se é daquele jeito mesmo, né?!”

Antonio também disse buscar nas leituras elementos para a compreensão de questões do passado e do presente. Segundo ele, textos sobre civilizações antigas, mesmo ficcionais, o fascinam pelas conspirações e disputas de poder.

Na leitura de livros sobre essa temática, Antonio destacou um livro sobre a Roma Antiga em que a autora dizia ter existido uma mulher que fundou uma biblioteca em Roma, a que deu o nome de “Hospital da Alma”. A partir desse relato, Antonio discorreu sobre o papel social da biblioteca.

Ele começou dizendo que muitas pessoas que não têm o hábito de ler,

“principalmente a classe dos excluídos que não tem condições financeiras, e não tem oportunidade de vir em uma biblioteca. Você vem aqui e você não vê gente da periferia aqui lendo! A prefeitura tem que cuidar disso, tem a secretaria da cidadania, é esse pessoal que tem que ver isso aí, fazer um programa, um tipo de biblioteca volante ou um programa pra trazer a criançada pra cá na biblioteca. Por que que o ônibus não adota o letreiro “Biblioteca Municipal” e muda o itinerário faz ele vir aqui ó, tem aí o estacionamento aí atrás e por que não faz o ponto final aí atrás? Viu, inclusive dá condições para os motoristas, aqui tem banheiro, tem água, e o motorista pode sentar tem televisão. Eles podem cumprir um horário de descanso, podem ficar lendo jornal. Por que não fazem isso? E pra fazer isso, por que não dão passe livre pra molecada dos bairros da periferia? Todos devem ter acesso aos livros. Pra essa turma, o custo é proibitivo. Eles não têm nem o que comer nem o que vestir e vão ter dinheiro pra comprar o livro? Se o poder público não incentivar isso... É até uma forma de tirar essa criançada da rua, não sei se eu estou errado! Mas eu acho que é mais ou menos por aí! Inclusive tem criança que tem o dom pra literatura pra essas coisas, mas fica latente porque não tem incentivo e ninguém se preocupa e ninguém apóia... acho que tá errado! Além de dizer que pra esse povo que eu acabei de falar o custo do livro é proibitivo, você vai comprar esse livro aqui, eu fui na livraria custa quase R\$100. É isso.

Nesse contexto da democratização da leitura, Antonio também referiu-se á necessidade da criticidade do leitor:

“Se bem que também tem uma coisa viu!? Tem um pessoal “mediocre” também que escreve livros. Escrevem apenas para o consumo dos livros. Pra faturar! E está cheio de livros assim, não é pouco também não! É com o tempo e com a leitura que você vai percebendo quais livros são bons, quais são os mais fraquinhos... Comigo aconteceu isso! Eu pego o livro, dou uma rápida olhadela, eu já condeno ele no ato... esse livro não é pra mim, eu já o condeno.”

Ronaldo também destacou a preocupação social com a formação do leitor ao criticar as condições de leitura oferecidas pela biblioteca em que estávamos.

“Para ter leitura é necessário concentração. Aqui nessa biblioteca existe um probleminha sério que é justamente aqui é uma área que tem outras coisas juntas, aqui acontecem as Conferências, tem aula de arte. Com tanta coisa junta acontecendo, sem a preocupação com a qualidade acústica do espaço, eu acho que nesse espaço a leitura não é importante! E ninguém percebe o que está acontecendo, ninguém toma posição, porque aí quem domina e quem governa faz o que quer! Então é tudo isso, quer dizer, que acho que eu leio para ter uma vida melhor e gostaria que o povo tivesse uma vida melhor.”

Nos enunciados das mulheres entrevistadas não encontrei esse mesmo tipo de inquietação. Muitas referências são feitas à leitura como lazer, aos romances e à leitura como uma mediadora de questões de ordem pessoal.

Mariana, a mais velha das quatro mulheres entrevistadas, enfatizou na entrevista as leituras de auto-ajuda e as leituras religiosas. As três mulheres mais jovens referiram-se a romances. Uma delas a romances de grande circulação, as outras duas a romances destinados a adolescentes e indicados nas escolas. Todas destacaram encontrar nas leituras distração, alguma relação com o que vivem ou viviam no momento da leitura. Apenas a professora referiu-se à dimensão estética de suas obras preferidas e à

importância desse tipo de referência ser oportunizada pela escola tendo em vista a formação do leitor: “Importante na escola, os alunos terem acesso a esse tipo de coisa, porque se não tiver na escola, vai ter aonde?”

Tempo para Ler

Defendendo a tese de que a industrialização não foi apenas um processo tecnológico, neutro e inevitável, mas uma profunda transformação cultural, Thompson analisa seus impactos na constituição dos sujeitos e na compreensão que tem de si mesmos e de sua vida e, dentro dela, o tempo.

O que estamos examinando neste ponto não são apenas mudanças na técnica de manufatura que exigem maior sincronização de trabalho e maior exatidão nas rotinas do tempo em *qualquer* sociedade, mas essas mudanças como são experienciadas na sociedade capitalista nascente. Estamos preocupados simultaneamente com a percepção do tempo em seu condicionamento tecnológico e com a medição do tempo como meio de exploração da mão de obra. (THOMPSON, grifo do autor, 1998)

Segundo ele, antes da industrialização, media-se o tempo de acordo com os processos familiares no ciclo do trabalho ou das tarefas domésticas, ou seja, o tempo relacionava-se com a duração das tarefas que eram feitas diariamente sem ter o relógio como o principal instrumento de contagem e de controle.

Sem dúvida, esse descaso pelo tempo do relógio só é possível numa comunidade de pequenos agricultores e pescadores, cuja estrutura de mercado e administração é mínima, e na qual as tarefas diárias (que podem variar da pesca ao plantio, construção de casas, remendo das redes, feitura dos telhados, de um berço ou de um caixão) parecem se desenrolar pela lógica da necessidade, diante dos olhos do pequeno lavrador. (p.271)

O ritmo do trabalho era ditado pela lógica da necessidade e a orientação pelas tarefas não exigia grande sincronização do trabalho, este tinha como característica a irregularidade. Assim sendo, antes da introdução das máquinas e das produções em grande escala, a irregularidade era um traço presente e o trabalhador administrava o seu próprio tempo. O trabalho e a vida não eram separados.

Com a complexificação da divisão de trabalho, em um contexto em que a força de trabalho foi convertida em mercadoria, o tempo transformou-se em dinheiro e sua orientação pelas tarefas rompeu-se, uma vez que as necessidades do empregador, que paga pela força de trabalho, e as do empregado, que realiza o trabalho, são diferentes. O empregador cuida e vigia para que o tempo daquele que foi contratado para cumprir a tarefa seja realmente utilizado na sua execução, sem desperdícios que lhe acarretariam prejuízo. Ele supervisiona, rigidamente e sem flexibilidade nenhuma, o horário de

entrada e de saída dos trabalhadores nas fábricas, seus horários de refeição, chegando, até mesmo, a controlar seus movimentos segundo critérios de produtividade.

Nesse sentido, os trabalhadores foram perdendo o controle do tempo para a lógica de mercado, que procura torná-lo o mais regular e produtivo possível.

A disciplinarização do trabalho foi vital para a internalização dos novos modos de organização da produção e do “uso econômico do tempo”. No processo de seu desenvolvimento, houve muitos estímulos externos, tais como a “supervisão do trabalho, multas, sinos e relógios, incentivos em dinheiro, pregações e ensino, supressão das feiras e dos esportes” (THOMPSON, p. 297, 1998). O trabalhador industrial passou a ser reconhecido tanto pela maior capacidade de trabalho, como também pela regularidade, pelo gasto metódico de energia e pela repressão nas horas de lazer.

A escola e a evolução da Ética Puritana foram fatores decisivos para a difusão das concepções de novos hábitos de trabalho e por inculcar a nova disciplina exigida, formando gerações mais acostumadas aos novos hábitos de controle e de homogeneização do trabalho. Nesse processo foram-se definindo os procedimentos administrativos e uma clara demarcação entre o “trabalho” e a “vida” (p.300), que se consolidam no capitalismo industrial. Nas sociedades industriais maduras, assinala Thompson, a vida e o trabalho se separam porque passaram a ser momentos diferentes: enquanto trabalha o homem não vive porque, de modo alienado, opera como mais uma máquina produtiva.

Como as jornadas de trabalho eram longas e exaustivas, os trabalhadores, quando voltavam para as suas casas, eram vencidos pelo cansaço que pesava e exauria suas forças. O tempo que sobrava sem o trabalho era pequeno, e os homens ainda tinham que estar atentos e disciplinados para estarem dispostos para o outro dia de trabalho. O tempo “livre” já não era mais vivido com relações sociais e pessoais enriquecedoras e descompromissadas como antes.

As pessoas não se relacionavam tanto mais uma com as outras. Os momentos coletivos ficaram menores. Mergulhadas em preocupações individuais, as pessoas seguiam os seus ritmos próprios. A disciplina e a regularidade estavam presentes mesmo quando se tratava dos tempos “livres”.

Dessa maneira, as horas de lazer não serão um problema para os interesses econômicos de máximo lucro dos donos das indústrias. As horas de lazer existem e são dadas para os homens, mais a maneira como elas são vividas continua sob a lógica do uso econômico do tempo, sendo necessário ocupá-las de forma útil e com disciplina.

Com a consolidação da sociedade capitalista industrial e graças á reprodução mecânica dos materiais escritos, estes passam a circular mais intensamente do que nas épocas anteriores, possibilitando transformações nas práticas de leitura. As leituras orais em grupos e a transmissão oral fazem-se acompanhar da leitura individual e esta gradativamente se torna um modelo hegemônico, graças à transformação do livro, já no século XV, em objeto cultural.

Nesse contexto, os livros passaram a circular e a serem lidos por uma maior quantidade de pessoas do que no período medieval, em que era a Igreja quem tinha o controle absoluto da leitura do livro, mais especificamente da bíblia, para as pessoas.

A burguesia, economicamente poderosa, reconhece na instituição escolar a possibilidade de se apropriar de práticas culturais que ainda não dominava, tais como a escrita e leitura, de comportamentos e de formas de linguagem que eram privativas da aristocracia em declínio e que requeriam tempo livre para serem realizadas. Com isso, essa classe economicamente poderosa, utiliza-se da leitura para sua ilustração. A partir do Iluminismo, a escrita e a leitura ganham espaço na sociedade industrial, como mecanismo de acesso ao conhecimento e participação política.

Para a mão de obra em atividade nas indústrias, assegura-se o acesso aos conhecimentos mínimos da leitura, da escrita e dos números, necessários para operar as máquinas, e o nível de escolarização passa a ser um critério a ser levado em conta para se conseguir um emprego nas fábricas. Em face das jornadas de trabalho exaustivas faltava tempo para a leitura entre as classes trabalhadoras, cujo tempo de lazer passou a ser ocupado, no século XX, pelas indústrias de entretenimento que difundem, entre as pessoas, a lógica do sistema em que o tempo deve ser vivido de forma útil e das mesmas maneiras dentro de uma padronização cultural a fim de evitar resistência com as diferentes maneiras de pensar.

A questão do tempo marca a experiência de leitura. Na rotina dos dias, marcada pela preocupação de fazer o tempo ser aproveitado o máximo possível, com o objetivo de ter tempo para fazer todas as obrigações, encontrar um tempo para a leitura é um desafio. Segundo Petit:

O primeiro interdito é que, ao ler, a pessoa se entrega a uma atividade cuja “utilidade” não é bem definida. Nossos interlocutores se referiam a essa prescrição secular da seguinte forma: “Não se deve perder tempo”, “ Não se deve ficar desocupado”, “Não se deve ficar sem fazer nada”. (PETIT, 2008,p.105)

Em uma sociedade que exige regularidade, gasto metódico de energia e que se fala em gasto do tempo, é pequeno o espaço para o espontâneo e poucos são os

momentos em que se tem tempo para não fazer nada. Sobra pouco tempo para fazer uma vontade própria e quando há, diante desse ritmo intenso, o cansaço e outros aspectos físicos sentidos pelas pessoas, as fazem optarem por atividades pouco complexas. Ou então o tempo que sobrou para fazer aquilo que se tem vontade é tão pequeno que as pessoas acabam optando por nem começar a fazer, porque não terão tempo suficiente.

No livro “Práticas da Leitura” em um debate com Chartier, Bourdieu aponta que “a leitura é o que ocorre espontaneamente quando se vai ter tempo para não fazer nada, quando se vai fechando sozinho em algum lugar.” (BOURDIEU, p.238, 2009)

Esses modos de viver o tempo e o lugar reservado à leitura dentro dele apareceram nas entrevistas.

Mariana salientou que, mesmo trabalhando entre livros, que são cuidadosamente tombados por ela, aproveita para ler somente quando não tem nada para fazer.

“Eu fiz muita questão assim de aprender mesmo o acervo , arquivar livros ,saber os autores né . Nós temos ali o arquivo ... às vezes a pessoa vem e diz: “Eu quero tal livro...” Eu já vou direto e pego o livro né. E a pessoa fala : “Nossa ,nem foi lá no arquivo para ver o livro né !” Não porque eu já sei , porque eu que arquivo né. Aí, quando eu to assim sem fazer nada ,eu aproveito para ler alguma coisa...”

Como esses momentos sem ocupação são pequenos e poucos durante o trabalho, ela não consegue ter uma leitura atenta e contínua, devido às interrupções.

“Olha ,eu gosto de ler , mas assim ,eu gosto de pegar um livro e ler,e começar a ler.Mas se alguma coisa me atrapalha eu já perco sabe o meado da leitura e já ... Aí depois que termina de fazer o que eu tenho que fazer ou atender daí eu volto , mas sabe quando já não é assim que você ta mesmo engrenado e diz: “agora eu vou!”Se bem que alguma coisa atrapalha né.”

A dificuldade de conseguir ter tempo para as leituras persiste, segundo Mariana, mesmo quando o trabalho termina.

“E não dá mesmo para ler. A não ser que você pega assim para ler em casa. Mas chega em casa tem os afazeres de casa para fazer e também já complica.”

Como a atividade da leitura exige concentração, é individual e feita em silêncio, ela requer o afastamento da agitação da rotina cotidiana, em que as pessoas estão sempre agitadas e correndo para fazer todas as atividades diárias. Em função dessas características, as pessoas deixam a leitura para a última instância. Depois de fazerem tudo o que precisa ser feito, se houver um tempo e que seja realmente livre, aí, sim, esse pode ser utilizado para a leitura, ou então desistem de ler ou buscam leituras tão rápidas e superficiais quanto às relações embaladas pelo ritmo econômico do tempo, incentivadas e nutridas pela Indústria Cultural que se ocupa do pequeno tempo livre,

que sobra para as pessoas, disseminando os valores de puro consumismo em que o ter passa a ser mais importante do que o ser.

“Não gosto de livros muito grossos , gosto de livro fino (risos), que dá tempo de ler.”

Nas entrevistas com as estudantes de graduação ficou bastante marcado o fato da não existência de tempo para as leituras que se queira fazer pela simples vontade de querer ler livremente sem ter a preocupação com trabalhos e estudos. A leitura por prazer é atividade para férias ou algo que não se consegue mesmo realizar. Essa questão foi bem evidenciada por Rafaela em sua entrevista ao contar que não consegue encontrar tempo livre nas atividades de estudos para a graduação, para refazer a leitura completa de um livro de que gostou muito.

A.J. Croning, não sei como se pronuncia. E eu acho que é um romance e é uma história de um casal mesmo e tal e esse realmente assim, acho que pela a minha idade muito, é, muito romântica e tal, por isso que ele me marcou. Depois eu fui tentar ler de novo e acabei não terminando talvez por falta de tempo também, mas assim eu não li ele inteiro, mas mesmo assim ele continua assim, é o meu livro preferido... e assim é legal, porque ninguém conhece só eu.

Diferentemente das estudantes, Antonio, por estar aposentado, sente-se livre para dedicar todo o tempo que possui à leitura, uma atividade que se incorporou a sua rotina.

“Venho à biblioteca todos os dias. De segunda à sábado. De segunda a sexta, eu venho de manhã. Primeira coisa que eu faço no dia, é vir aqui. E no sábado, o horário, eles abrem à uma hora da tarde, então venho a tarde.”

Mas mesmo podendo viver o tempo de acordo com as vontades pessoais, aproximando-se ao máximo do viver o tempo seguindo as necessidades humanas, com flexibilidade para fazer escolhas, Antonio avalia seu envolvimento com a leitura em termos de investimento e tempo útil. Na entrevista ele afirmou que lê para

“agregar conhecimento e usar, né, investir no tempo. Por que eu vou ficar fazendo o que? É uma maneira de aproveitar o tempo. Usar o tempo de forma útil, né? Não tornar-se... Eu podia muito bem estar aí na praça fazendo baderna, arruaça, estar em bar bebendo...”

Notei nos dizeres de Antonio que há uma preocupação em ficar sem fazer nada, sendo necessário utilizar esse tempo de maneira útil. O ato de ler, antes de acontecer pelo simples gosto pela leitura, passa também pelo querer ocupar esse tempo vazio de maneira produtiva sem o simples desperdiçar do tempo.

Ronaldo destacou o equilíbrio que conseguiu estabelecer entre leitura e trabalho.

Eu dedico um tempo da minha vida à leitura. Eu trabalho um pouco, leio um pouco, todos os dias.

Ele justificou seu interesse pela leitura nos seguintes termos:

Porque eu encaro a leitura como uma atividade cultural, normal, hã, informativa, né, e até mesmo para ajudar nas relações sociais, né, de outros aspectos.

Foi também o único a evidenciar o prazer da leitura e como ela apaga os contornos do tempo racional e medido:

Agora, quando eu estou em contato com a leitura o mundo é outro digamos assim o momento é outro, porque é sempre um diálogo com quem está escrevendo. É um momento único, né?! Ou seja, é não tem momento igual no dia em qualquer lugar que você vá...você e o livro é um momento único. Eu posso ficar de 3 a 4 horas lendo, sem perceber!

Nas entrevistas evidenciou-se o quanto a percepção do uso econômico do tempo está mais interiorizada e que o ato de ler é balizado por critérios de utilidade - fazer leituras úteis - em detrimento do prazer e da imaginação. Essa divisão da leitura nas categorias de utilidade e de lazer, segundo Petit, merecem uma cuidadosa reflexão quando se fala na democratização da leitura em dias atuais.

Na realidade, o que está em jogo com a democratização da leitura é também a possibilidade de ocupar um tempo de modo que seja propício para sonhar, para imaginar. É preciso lembrar que todas as invenções, todas as descobertas são realizadas nos momentos de fantasia, e que, em geral, sem fantasia, não há pensamento. (PETIT, 2008,p.80)

As obras literárias abrem as portas para que se possa jogar o mesmo jogo de diversas maneiras, resistindo à lógica que está imposta.

A leitura, seja ela de estudo, de trabalho ou de lazer, possibilita a reflexão, o voltar-se a si mesmo e à realidade vivida, o se sentir mais ativo e pertencente a outros círculos. Ela possibilita conhecer o sistema e vivê-lo a partir de um posicionamento, de um juízo valorativo explicitado e deliberado.

Mediação

Indicar um livro, conversar sobre as partes que constituem a obra, acompanhar o leitor durante as leituras são situações de mediação feitas principalmente por profissionais da leitura como exemplo o bibliotecário e o professor, mas também por amigos e interlocutores não profissionais.

Os primeiros livros são difíceis de serem escolhidos para ler, ainda mais quando existem situações em que há uma intimidação diante do livro, um sentimento como medo daquilo que se conhece pouco. Tais sentimentos diminuem as possibilidades da leitura e, nessas situações, as sugestões, uma conversa sobre um livro ou um escritor, o

disponibilizar as obras para que sejam manuseadas são estimulantes para que os sujeitos se aproximem da leitura e se arrisquem a experimentá-la.

A mediação possibilita que as pessoas conheçam as obras, se sintam interessadas por elas e se a oportunidade existir a leitura será feita. É necessário estar disponível ao outro para uma indicação, proporcionar um espaço para a leitura, conhecer e gostar de ler para que as sugestões sejam coerentes e que despertem o interesse nos sujeitos.

Apenas a proximidade com os livros não é suficiente para estimular a leitura como Petit (2008) colocou.

O gosto pela leitura não pode surgir de uma simples proximidade material com os livros. **Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca podem se tornar letra morta se ninguém lhes der vida.** (...) a dimensão do encontro com um mediador, das trocas, das palavras “verdadeiras” é essencial. (p.154, *grifo meu*)

O mediador dá vida à obra ao compartilhar os rastros da sua leitura, os sentimentos que a obra lhe despertou, conferindo sentido ao livro e a sua produção. Se o livro permanecer parado nas prateleiras, a sua função, o porquê dele ter sido escrito não terá mais sentido.

O mediador (re) significa a obra à sua maneira, deixando-a com diferentes sentidos e quando recorda uma obra, sugerindo-a para alguém, esses sentidos vêm a tona. No decorrer das experiências de leitura, a mediação existe em diversos momentos, sendo eles feitos por profissionais da leitura ou não.

A importância da mediação destacada por Petit (2008 e 2009) dialoga com o papel atribuído aos mestres por Snyders (1993):

Gostaria de dizer principalmente que o adulto nunca prescinde de mestres: ele se fia num determinado jornal, confia-se a determinada Igreja, adere a determinada corrente de sua época, inclusive o ceticismo, o indiferentismo e a abstenção, que são posições tão nítidas quanto às outras. (p.115)

A necessidade da mediação é uma evidencia de que também fora da escola, os sujeitos seguem, buscam outros mestres que com eles compartilham valores, crenças, princípios, gostos, sonhos, livros, leituras...

Na entrevista com Antonio, ele lembrou do jornal que lia, desde criança, na casa dos seus avós: o Estadão. Lembrou também que foi na vida adulta, no curso superior que adquiriu o hábito pela leitura, mediado por aquilo que aprendia.

“Olha, já tardio, viu!?! Acho que depois que eu... É o que eu falo, viu, eu fiz o ginásio, fiz tudo até o ginásio você tem uma visão da vida, dos estudos de um jeito depois que você cursa a universidade a sua mente muda, a sua mente fica aberta, é outra visão das coisas. Eu acho que foi ai que eu comecei a ler. Comecei a...os meus conceitos mudaram, modificaram. Aquilo que numa família tradicionalmente católica, né, pra exemplificar, então tinha coisa que era pecado, que não podia, não podia nem tocar no

assunto que já ia ser condenado no inferno, né?! (risos). Então, eu, tudo isso depois que eu fiz a faculdade mudou...”

As leituras feitas durante a graduação ampliaram o universo de Antonio e modificaram as suas concepções sobre o que ele entendia pela vida. O ato de ler lhe abriu novas oportunidades e alternativas.

Adquirido o hábito da leitura, na fase adulta, Antonio pode, na aposentadoria, ocupar-se de obras literárias que lhe interessam. Por possuir uma acentuada experiência de leituras com um grande arquivo de livros lidos e por ser um leitor ativo, ele se sente autônomo e seguro em dizer quais são as leituras que lhe agradam, e quais são aquelas de que não gosta e tem liberdade para fazer a escolha para as suas leituras.

“Olha! É, eu faço a escolha, os assuntos, eu sou seletivo nos assuntos, mas o livro é aleatório.”

A necessidade da mediação vai se reduzindo quando o hábito da leitura está consolidado, porém a troca de conversas sobre o que se lê permanece e é prazerosa. Durante as entrevistas isto se evidenciou no modo como cada um dos leitores se referia às obras lidas.

Ronaldo também se lembrou que iniciou as suas experiências de leitura, lendo jornais quando criança.

“O hábito da leitura começou pelos jornais porque, na verdade, eu já, desde os 12, 13 anos, eu tinha um vizinho, né, que além de assistir a televisão do vizinho, eu também lia o jornal lá na casa dele “O diário de São Paulo” na época.”

Também ele não destacou a mediação da escola no início das suas experiências como leitor. A escola não foi citada por ele como um espaço que disponibilizou-lhe as obras literárias. Seus grandes mediadores foram o cursinho e a militância política. Ambos o colocaram em contato com leituras que se tornaram importantes para ele e que marcaram as suas experiências como leitor.

“Aos meus 18 e 19 anos, estava fazendo cursinho em São Paulo e a gente já então, hã, eu não pertencia a nenhum grupo clandestino e a nenhum partido, mas eu já era um combatente de rua, né. Nessa época comecei a ler sobre o marxismo. Não que eu seja uma marxista, eu sempre brinco que eu sou um “marxista lighth”, claro, porque tudo mudou também e agente muda e eu não sou radical.”

Para Mariana a escola não foi uma instituição onde encontrou obras literárias e estímulo para a leitura. Sua relação com a leitura era escolar e restrita ao material didático.

“Na época era só livro mesmo de escola né que a gente lia. É, cartilha né, a pessoa tem o segundo grau, nenhuma escolaridade mais né. Mas tudo isso eu aprendi muitas coisas né.”

Foi no trabalho como auxiliar na biblioteca, em contato com os livros e com os leitores, que desenvolveu-se como leitora.

Eu não era muito de ler não. Depois que eu entrei na biblioteca é que comecei a ler um pouco mais.

Sua atividade de trabalho aproximou-a dos livros e a necessidade de responder aos pedidos de indicação de leitura tornou-a atenta às conversas com os leitores, a fim de conhecer quais eram os livros que as pessoas liam e como elas os avaliavam. A partir de sua inserção nessas conversas com os frequentadores da biblioteca Mariana passou a fazer indicações de leitura, mesmo sem ter lido todos os livros por ela sugeridos.

“Apesar de eu não ter lido aquele livro, mas as pessoas que leram falaram para mim: - olha , esse livro aqui tal, a pessoa ta caída assim ... você pode indicar esse livro aqui. Então é coisa assim que eu guardo pra numa hora assim a gente indicar pra pessoa.”

Por fazer indicações de leitura, ela passou a receber retorno dos leitores que a fazem sentir-se gratificada.

“Então a pessoa vem e eu mostro os títulos e a pessoa fala: - Ah, é esse aqui que eu quero ler! Aí na volta tem o retorno:- Olha, foi ótimo, muito bom. Eu me senti muito bem lendo aquele livro. Eu fico gratificada né.”

Com relação às três últimas entrevistas, chamou-me a atenção a referência à escola como um espaço de iniciação e de mediação de leituras. É importante destacar que as três últimas entrevistadas são de outra geração, portanto, são de outro tempo histórico, que indicia, possivelmente, mudanças no modo de participação da escola na formação do leitor.

As três entrevistadas relataram que a escola pedia a leitura de livros aos estudantes e que essa obrigatoriedade, associada a experiências e possibilidades de leitura feitas em outros espaços, foi fundamental para o desenvolvimento do hábito de ler em todas elas e para sua formação como leitoras.

Rafaela referiu-se à mediação escolar e familiar em sua experiência de leitura:

“Mm, eu gostei das leituras da escola. Eu sou uma pessoa difícil de não gostar de livros! Então assim, gostei bastante de ler Memórias de um Sargento de Milícias, hãã, até Iracema que o pessoal reclama muito eu gostei e li mais de uma vez porque era curtinho, né. Eu gostei!

Enfim, desde o comecinho a gente lia bastante assim na escola. Mas eu acho que, hãã, não foi na escola, acho que foi mais em casa mesmo porque desde pequena a minha mãe lia pra mim...”

A mãe que lia para Rafaela, quando pequena, tornou-se sua parceira de leituras. Ambas, desde a adolescência de Rafaela, torçam sugestões de leitura entre si. A escola, em um dado momento, pediu para que os estudantes levassem para a sala de aula, um

livro. E a Rafaela contou durante a entrevista com bastante empolgação que ela levou o livro que a sua mãe a indicou e que se tornou um livro inesquecível para ela.

“É, esse livro até pouco tempo eu falava de livro e lembrava dele até uma vez a professora pediu pra levar um livro na aula, no terceiro colegial ou segundo, e eu levei ele e tal, é um livro que quase ninguém conhece, aliás, nunca encontrei alguém que tivesse conhecido, que é a Cidadela.”

Embora Rafaela não tenha contado o que foi feito com os livros levados pelos estudantes para a sala de aula, nem como a professora conduziu a atividade e qual era sua intenção com ela, considerei-a uma iniciativa interessante, uma vez que os estudantes tiveram a oportunidade de vivenciar o lugar de mediadores da leitura, divulgando um livro que leram para os colegas.

O que é importante notar é que apesar de a escola disponibilizar tempo e pedir a leitura de livros para os estudantes, para Rafaela, o hábito de ler desenvolveu-se mediado pela mãe, na sua casa.

Esse é um ponto interessante para o professor pensar e planejar ações para incentivar e estimular o gosto de leitura dos estudantes. Ainda mais que essa é uma função da escola, não podendo em hipótese alguma, ser deixada apenas para a família, visto que muitas delas não desenvolveram no âmbito de suas relações aquelas as práticas da cultura escrita.

Esse ponto me leva a comentar sobre a função da escola. Segundo Snyders (1993) as obras primas da produção humana, sejam elas científicas, técnicas ou artísticas, devem ser apresentadas e trabalhadas com os estudantes na escola, instituição essa que reúne estudantes oriundos de diferentes classes sociais e portadores de diferentes experiências. Possibilitar o acesso às produções da cultura humana a todos os estudantes é, segundo Snyders, uma tarefa da escola.

Apesar de todas as desigualdades que a dilaceram, a escola constitui uma oportunidade de cada aluno atingir a obra prima numa ou outra área; é para introduzi-lo na obra prima que a escola se faz mais necessária, pois para isso deve haver esforços longos, contínuos e sistemáticos (...). (SNYDERS, 1993,p.166)

As obras literárias são obras primas e por isso estão na instituição escolar. Mas o simples fato de ter obras literárias nas escolas não quer dizer que os estudantes estejam lendo e por mais que estejam é importante pensar de que maneira estão se constituindo como leitores. O simples acesso não garante o gosto pela leitura e abrir espaço e tempo de qualquer maneira também não garante a formação de leitores.

A mediação se faz necessária para que pontes sejam construídas entre os estudantes e as obras literárias. Cabe ao professor, profissional esse que está disponível

para as crianças e jovens, sugerir livros interessantes, proporcionar conversas sobre as obras literárias, pensar e planejar ações para que os estudantes sintam e tenham oportunidade de sentir o gosto de ler.

Na entrevista com Marília, falando sobre o seu livro marcante, a escola apareceu porque foi uma leitura que a professora pediu como obrigatória.

“Eu devo ter o livro ainda, eu tenho o livro porque foi assim um dos livros que, é, a professora, né, de Português, ela selecionava quatro livros pra gente ler por ano e aí a gente lia um por bimestre e esse era um dos livros que a gente leu num dos bimestres e assim geralmente eu não gostava dos livros porque eu achava eles bem fracos assim, ou tratavam de temas muito polêmicos que não eram o que eu estava vivenciando, de drogas, até mesmo de sexo e tudo o mais. E eu ficava até constrangida com os livros.”

A cada bimestre, a professora pedia para que os estudantes lessem um livro. Entre tantos que foram lidos, apenas um prendeu a atenção de Marília, e no final, foi esse o seu livro marcante.

Os outros livros, que foram pedidos como leituras obrigatórias não chamaram a sua atenção, ao contrário, deixavam-na constrangida, pois tratavam de temas que estavam muito distantes da sua vivência. A obrigatoriedade permite o contato com aquilo de que se gosta, de que se pode vir a gostar e com aquilo que não se aprecia. Assim, pela experiência, formam-se o gosto, os juízos de valor. O importante é poder expressá-los. Este é um ponto muito interessante e que faz parte da mediação.

Do mesmo modo, cabe considerar que embora solicitar um livro para uma leitura obrigatória seja uma prática que muito presente no interior escolar e seja interessante para que os estudantes leiam os livros, é importante também oportunizar momentos de escolher as obras literárias.

Fazer as escolhas de quais livros serão lidos pelos estudantes é algo de muita responsabilidade para os professores, pois dependendo de quais livros forem escolhidos, os estudantes podem ou não se envolver com a leitura.

Como profissionais da leitura, os professores almejam a formação de leitores, e é por esse objetivo que a escolha dos livros deve ser feita com cautela, pesquisa, reflexão a fim de fazer escolhas de qualidade e que façam sentido para os estudantes.

É evidente que os estudantes são diferentes entre si e que escolher um livro que será de leitura envolvente para todos é uma meta difícil de ser alcançada. Mas ter o cuidado de quais livros escolher, buscando leituras diversificadas e com qualidade é o começo do caminho para o desenvolvimento de gostar de ler.

O professor é um dos poucos mediadores, profissionais da leitura, que podem conhecer quem são aqueles que irão ler os livros que indicou. E isso é uma vantagem,

uma vez que se pode pensar em quais livros sugerir a partir do conhecimento sobre os alunos, nascido na convivência, nas identificações, nas características das idades e outros.

A última entrevistada, Miriam, também falou da mediação escolar e das leituras obrigatórias. Na obrigatoriedade, como Marília, ela encontrou seu livro inesquecível.

“E eu acho que eu estava em uma sétima série, sétima ou oitava série, acho que foi sétima e ela indicou como leitura obrigatória “Um estudo em Vermelho” que é a primeira história do Sherlock Holmes e nossa aquilo lá pra mim foi muito marcante, uma leitura assim muito maravilhosa aí eu gostei tanto que o meu pai acabou comprando a coleção toda pra mim. Eu tinha da Abril Cultural todas as histórias do Sherlock Holmes, e eu mergulhei naquilo.”

A obra literária despertou nela interesse e curiosidade em continuar fazendo a leitura de toda coleção. A leitura obrigatória a princípio, foi além da obrigatoriedade.

“É! Porque você é fígado e aí eu ia atrás. E aí eu pedi para o meu pai e ele comprou pra mim, a obra toda. Ele comprava tudo em sebo. Então, eu tenho a obra do Colan Doyle, uma edição bonita da Abril Cultural que ele achou em sebo pra mim.”

Miriam também foi mediada pelo leitor que seu pai era. A imagem do pai lendo e suas experiências de leitura a estimularam a ler, mas é interessante notar que, mais uma vez, a escola foi o espaço em que foi feita a leitura de uma obra marcante para o sujeito, sendo importante para a sua constituição como leitor, mesmo tendo a obrigatoriedade dado suporte para que essa leitura acontecesse. A própria Miriam reconheceu isso em sua entrevista:

Talvez se não tivesse sido uma leitura obrigatória, eu não tivesse lido.

Mediar as experiências de leitura exige comprometimento, estar disponível ao outro e para o professor que é servo das obras primas na instituição escolar, isso deve ser feito seriamente. Sendo necessário também pensar em como é a sua relação com os livros, pois como formar leitores, quando não se gosta de ler?

O Livro Inesquecível

UM livro não é lido de um único e mesmo jeito por todo e qualquer leitor, nem mesmo por um mesmo leitor em diferentes momentos de sua vida. Isso acontece porque a leitura se relaciona com a experiência (no sentido thompsoniano) do leitor. As diferentes e singulares experiências dos leitores suscitam diferentes interpretações, produzem efeitos de sentido distintos, provocam reações e sentimentos diversos.

Um livro que prendeu toda a atenção de um leitor, para outro pode ter sido uma leitura cansativa e com pouca emoção. Petit (2009) esclarece isso quando afirma que:

Por outro lado, o que traz a felicidade de um entediará ou angustiará o outro, tamanha é a diferença entre os leitores: de idade, sexo, geração, contextos sociais e culturais nos quais eles vivem, a história própria de cada um e a qual eles devem enfrentar. Tamanho é o inesperado que aí se encontra: pois os relatos, as frases que lhes falam, que lhes revelam, que os ajudam a dar sentido à sua vida e a resistir são freqüentemente muito surpreendentes. (p.174-175)

A leitura não pode ser controlada, pois as maneiras de recepção do leitor são diversas dependendo da singularidade de sua experiência. Entre o leitor e a obra estabelecem-se laços íntimos, cujos efeitos não é possível prever.

O singular é o elemento que não pode ser quantificado e que explica as diferentes interpretações que uma obra pode ter para cada leitor como apontou Goulemot (2008), que reconhece também que o livro em si, a edição, as intenções do escritor, o próprio gênero do livro esperam por certo tipo de leitura que se impõe ao leitor, mas devido a sua singularidade, sua interpretação pode não corresponder ao que era esperado para o livro.

Porém, mais genericamente, o nosso corpo lê e não somente pelo viés dos olhos ou do nosso psiquismo, uma vez que há uma invasão de sentido por parte da consciência que provocou a doença, a saúde e a morte. (p. 109)

Como destaca Petit (2009) a diversidade de leituras não é da ordem apenas da individualidade, e sim das condições em que essa individualidade se constitui. Todas as diferenças entre os leitores como o sexo, a geração, as vivências culturais, sociais explicam as diversas interpretações e reações despertadas durante as leituras.

E nesse sentido, Chartier (2009) afirma que cada leitor, a partir de suas próprias referências, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria. (p.20)

Os leitores guardam, mental e afetivamente, uma lista de livros lidos que foram interessantes e que de certa maneira foram importantes em dado momento. São esses livros que sugere quando alguém lhe solicita uma indicação, livros que fizeram sentido para ele, que construíram dentro dele um lugar inesquecível, um espaço de emoções compartilhadas (emoções de toda natureza. Pode-se amar um livro que nos assusta), de conhecimento de novos lugares, de identificação com um personagem, de reconhecer em si mesmo dimensões próprias até então desconhecidas.

Os livros proporcionam essas reações e sentimentos, sinaliza Petit (2008), porque falam das experiências humanas através da linguagem simbólica, das metáforas e das narrativas.

Um livro inesquecível para o leitor é aquele que o marcou de alguma maneira, tanto positiva quanto negativamente, seja pela história toda que continha, ou apenas pelas características de um personagem; pelos lugares trazidos pela obra ou pela identificação do leitor para com a obra em função do momento em que ela foi lida.

Se a leitura desse livro inesquecível foi feita há certo tempo atrás, é bastante difícil recordá-lo logo no primeiro momento em que se é questionado. Às vezes ele está escondido em um lugar bastante específico da memória, entrelaçado a momentos vividos, a significados produzidos na sua referência com experiências que sucederam sua leitura. De qualquer modo, ele permanece ali, dentro das referências que constituem o leitor.

Ao ser perguntada sobre uma obra marcante, Rafaela fez um esforço para se recordar de algum livro cuja leitura tivesse sido bastante particular, mas de início não se lembrou de livro nenhum.

“Então, eu acho que, eu leio muito romance mesmo, então, eu acho que eu nunca li um assim que seja, tenha sido muito mais marcante do que todos os outros; todos acho que igualmente.”

Em seguida, lembrou-se de Harry Potter:

“Ah! Na época da febre o Harry Potter, né. (risos) Há poucos anos na verdade, né. Eu era um pouco mais jovem, mas assim foi esse que eu esperava pra sair, mas é uma série, né, não é um livro, tem todos os sete. Então, o que eu esperava para sair os livros novos e ia correndo comprar e tal... A história me chamou a atenção, eu acho que a escritora, ela consegue, é, cativar, né! Ela consegue prender a gente durante a leitura e aí... Acho que é por isso! Pela história ser gostosa de ler assim...não somente pela fantasia. Eu li todos os livros da coleção...mais de uma vez! (risos).”

No início da entrevista, aconteceu o mesmo com Mariana que, pensativa, procurava lembrar de algum livro que se tornou inesquecível.

“Difícil né, deixa eu ver se eu lembro ...”

Marília se mostrou com dificuldade para pensar em apenas um livro.

“Ah, só tem que ser um!? Apenas um?! É que...eu acho que cada fase da minha vida eu penso em um livro assim...”

E Ronaldo fez uma crítica à pergunta proposta e não quis pensar em nenhum livro que pudesse ter ocasionado uma leitura marcante para ele.

“Na verdade essa é uma pergunta, parece aquelas perguntas que você faz pra artista, né, cite um livro! Antigamente, por exemplo, quando entrevistavam as misses fale um livro, e então era tudo decorado... Na verdade, não existe só um livro, isso aí não existe, né, porque não há só um livro...”

As entrevistas demonstraram o quanto é particular para cada um, o livro que foi marcante. E que não é fácil recordá-lo, ainda mais quando foi lido há algum tempo.

Além disso, os leitores são formados por muitos livros, por uma biblioteca própria, sendo um desafio pensar, entre toda a memória de leituras feitas, uma que tenha sido mais marcante do que as outras.

Essa dificuldade em responder por um livro inesquecível fez com que as entrevistas fossem longas e que a conversa aberta facilitasse, aos poucos, a lembrança de uma leitura marcante.

Contando sobre as suas experiências de leitura, depois de ter achado que não tinha nenhum livro inesquecível, Rafaela, com muito entusiasmo, lembrou-se de um livro que leu e do qual gostou muito.

“É, esse livro até pouco tempo eu falava de livro e lembrava dele até uma vez a professora pediu pra levar um livro na aula, no terceiro colegial ou segundo, e eu levei ele e tal, é um livro que quase ninguém conhece, aliás, nunca encontrei alguém que tivesse conhecido, que é a Cidadela.”

Mostrou-se muito contente em recordar toda a história que constituía o livro inesquecível que foi uma indicação dada pela sua mãe.

“A.J. Croning, não sei como se pronuncia. E eu acho que é um romance e é uma história de um casal mesmo e tal e esse realmente assim, acho que pela a minha idade muito, é, muito romântica e tal, por isso que ele me marcou.(...)Ah, e é esse!E eu peguei mais livros pra ler também do autor e ele é, escreve bem, foi a minha mãe que me indicou, mas eu acho que foi bem a história mesmo, assim, bem romântica de um médico de uma cidadezinha pequena, ele conhece uma professora e aí...até o fim é bem triste mais...mais é bonito o livro.”

O livro “A Cidadela” era da mãe de Rafaela e estava na sua casa. Ela fez a leitura quando estava na sétima ou oitava série e foi um livro que a fez chorar muito devido à história romântica. Quando terminou de ler, indicou para a sua amiga que tentou ler, mas que por não ter gostado, não conseguiu terminar a leitura.

A leitura das obras literárias faz sentido para o leitor e é o leitor que dá o sentido às obras literárias. Com todos os elementos que compõem a obra literária como a narrativa, a metáfora e outros símbolos, os leitores podem se encontrar com a produção do escritor, mas o fazem mediados por sua experiência e pelas experiências humanas sintetizadas na obra – a perda, o amor, o desespero da separação, a busca do sentido.

Os leitores se sentem vinculados aos outros – aos personagens, ao autor, aos que leram o livro, que lêem juntos ou o farão um dia -, descobrindo que dividem as mesmas emoções, as mesmas confusões, por outro lado, eles se vêem separados daquilo que os cerca, capazes de pensar independentemente. (PETIT, 2009, p.83)

Um livro inesquecível para a Marília contava a história de uma personagem com a qual se identificou por estar vivendo uma situação parecida com a que ela enfrentava no enredo.

“Um livro que foi muito marcante, mas que hoje eu olho e acho muito bobo, mas tinha muito a ver com o momento que eu estava passando se chama “Amigo é comigo”. É um livro infantil, e eu li na escola mesmo. Eu me identificava com a personagem. Eu não me lembro bem exatamente quais eram as situações que ela trazia assim, mas eu lembro assim que na época fazia sentido, parecia que era eu assim como o livro, eu gostava bastante assim(...) achava ele muito fofo, muito meigo, sabe.

Era de uma menina e acho que ela falava assim das relações dela de amizade na adolescência sabe? Das transformações como que estavam sendo e era assim ela falava em primeira pessoa então era como se ela estivesse conversando com você mesmo, assim tipo ela contando a história dela e era muito gostoso de ler e eu acho, na época, eu me identifiquei e foi um dos livros que eu me identifiquei.

O livro “Amigo é Comigo” é um livro infanto-juvenil e foi uma leitura obrigatória na escola, quando Marília estava na quinta ou sexta série. Mais do que lembrar da história lida, a leitora recorda claramente da personagem.

“Ah, então eu lembro assim que era uma menina. Eu não lembro a história completa assim, eu lembro que mexeu muito comigo o livro, eu gostei muito e cheguei a ler assim umas três vezes seguidas o livro. Ele é pequeno, é um livro infanto-juvenil, eu acho.”

As releituras de certo livro não são enjoativas, os elementos que o constituem interessam tanto ao leitor que ele sente necessidade de ler mais algumas vezes toda a obra. No caso de Marília, o livro suscitou uma necessidade psíquica, mediando a elaboração e superação de uma situação difícil pela qual passava.

Ah, acho que ela falava assim de alguns distanciamentos, né, distanciamento de alguns amigos e aproximação de outros, que ela falava que os interesses estavam mudando, que alguns amigos, é, estavam crescendo e ela percebia que ela não tinha os mesmos interesses deles, e acho que era isso mesmo que eu estava passando, porque as minhas amigas tinham interesses, é, as minhas amigas gostavam muito assim de paquerar (risos) e elas sempre foram muito precoces e eu sempre fui muito quietinha, muito tímida e eu me sentia deslocada nos assuntos delas e eu comecei a me aproximar mais de outras meninas que tinham os mesmos interesses que eu, que gostavam das mesmas coisas e tal, e eu acho que era isso mesmo o que o livro trazia. Na verdade, o livro trazia assim, isso, porque eu me sentia incomodada de estar me afastando das minhas amigas tal, um conflito de adolescente, de início de adolescência e ela trazia isso de uma forma muito tranqüila, sabe, de uma forma natural que me tranqüilizou assim na época. É, acho que é isso, né.

As obras literárias com as suas características atuam na construção da identidade dos leitores. Para Garcia (2001), a inter-relação entre a literatura e o leitor está na transformação da subjetividade do sujeito, e afirma que em síntese, o leitor é formado pelas leituras. Ele se transforma como sujeito, vale a pena dizer, como vai construindo a sua identidade. (p.67).

Nesse sentido, Petit (2008) afirma que a leitura é um gesto para a afirmação da singularidade. (p.26)

O livro inesquecível para Miriam foi Sherlock Homes.

“Na adolescência um livro que me marcou bastante foi “Um estudo em vermelho” do Conan Doyle que é o primeiro volume das histórias do Sherlock Holmes. Foi uma leitura muito marcante pra mim, eu lembro que eu estava, acho na sétima série, e aí era aquela leitura obrigatória que a gente tem de disciplina de Língua Portuguesa, porque na escola tinha aquele costume um livro por bimestre que você lê, você faz uma prova, uma atividade sobre. Nossa aquilo lá pra mim foi muito marcante, uma leitura assim muito maravilhosa aí eu gostei tanto que o meu pai acabou comprando a coleção toda pra mim. Eu tinha da Abril Cultural todas as histórias do Sherlock Holmes, e eu mergulhei naquilo. São livros que até hoje eu

até penso que eu tenho que ler de novo porque foram muito marcantes pra mim. Eu gostei do tema, da qualidade literária, são muito bem escritos, das características do Sherlock que a partir de uma coisa que ele observa, ele descobre quem é a pessoa, quais os hábitos dela, onde ela esteve porque ele era um detetive particular, né, ele não trabalhava na Scotland Yard, Scotland Yard a polícia inglesa e ele que era contratado para solucionar os crimes e tinha o Watson que era o amigo dele. Então as pessoas iam procurá-lo para solucionar algum crime, não lembro duma história específica e ainda na primeira vez que ele falava com a pessoa ou visitava o local do crime ele já tinha toda uma teoria, já sabia de tudo, então, foi fascinante. E o interessante é porque até a sua observação fica mais apurada lendo, eu achei muito incrível! Me marcou bastante essa obra dele.

Você conhece essas obras? Tem uma parte assim que são os romances, são os grandes romances, né, como “Um estudo em Vermelho”, tem o “O Cão dos Baskervilles”, aí tem os contos depois mais pra frente só o conto porque a obra original, ela foi publicada em um jornal inglês. Então o Conan Doyle escrevia e toda a semana era publicado um capítulo no jornal e as pessoas o acompanhavam e foi assim que se fez a obra. Então tem as novelas e depois os contos e essa foi uma obra que me marcou bastante, de literatura mesmo, né.

Durante a entrevista, falando do seu livro inesquecível, Miriam estava empolgada e na medida que contava sobre a leitura, a impressão que me ficou foi a de que a lembrança de uma obra inesquecível traz com ela todo o contexto em que foi lida e com isso as memórias desse contexto, desse momento vivido.

Foi uma leitura... foi assim, eu acho, que uma primeira grande obra que me marcou. O primeiro encontro com a literatura, com um clássico, porque Conan Doyle é um clássico hoje da literatura, né. Não é literatura infanto juvenil como os livros da Coleção Vagalume, por exemplo, que era o que a gente lia.

O encantamento com a obra eu acho que tem a ver com aquilo que te interessa, que te pega, que te encanta. Não vou falar que uma coisa assim “aí tem a ver com a minha personalidade” eu era uma adolescente, não pensava em ser detetive (risos). O que me fisgou foi mais o texto bem escrito, bem estruturado, tem aquela coisa de estilo, fisga o leitor, tanto é que fisgou milhares de pessoas no mundo inteiro, né?! Na época em que foi escrita, a obra do Conan Doyle foi muito lida. Tanto é que eu já li sobre, eu pesquisei, há muito tempo, sobre a obra do Conan Doyle. As pessoas ficavam enlouquecidas para comprar o jornal e ler. A obra de Conan Doyle é de 1900...início de 1900, é uma outra época, né. Então, na época foi uma febre também. E até tem relatos do Conan Doyle que chegou um ponto que ele não agüentava mais o personagem, que ele cansou, que ele não esperava que fosse fazer um sucesso tão grande. Aí tem um determinado ponto que ele mata o personagem o Sherlock Holmes. E na época foi uma comoção na Inglaterra, porque as pessoas acompanhavam, compravam o jornal sempre pra ler e como matou o personagem aí ele deu uma saída que era o Watson contando outras aventuras que ele tinha vivido com o Sherlock Holmes. E aí depois ele ressuscita o personagem. Ele cria lá uma situação, que na verdade o inimigo dele o Moriarty tinha tentado matá-lo mas não conseguiu e acaba ressuscitando por conta da opinião pública que queria o personagem ali vivo e ele escreveu muito. Então, eu tenho a obra, são vários volumes.

O livro marcante de Mariana foi lido na biblioteca em que trabalha e foi uma leitura diferente para ela que com frequência faz a leitura de livros evangélicos.

“Eu li um livro que era da ... E esse não era nem evangélico, eu costumo ler mais livros evangélicos né! Ele é da Giselda Laporta, é um livrinho fino e eu gostei muito desse livro, e eu até passei pra algumas pessoas e eles leram também.”

Trata-se de um livro que traz uma história de vida que para Mariana pareceu bonita e teve muitos significados para ela.

“Ahmm , ele é sobre uma pessoa que sofreu muito sabe , passou por várias coisas, mas no fim ele venceu sabe? Pela luta , por tudo né. (...) É um livrinho simples mas muito bonito.Gostei muito. Apesar de ser um livrinho fino é muito interessante.Mas eu não lembro o nome dele.”

Quando perguntado sobre um livro marcante, Antonio, respondeu imediatamente e com muita certeza.

“Eu tenho um livro aqui na biblioteca, eu li aqui. Ele tem quase mil páginas. Quase mil páginas, e é justamente sobre o ...a personalidade da Roma antiga, “O primeiro homem de Roma” é o nome do livro, é da Colleen McCullough.”

Durante a entrevista, ele conta com muito entusiasmo sobre o livro “O primeiro homem de Roma”. Escolhendo quais foram as partes e pontos do livro que mais chamaram sua atenção para tentar mostrar o porquê de o livro ser fascinante para ele.

“Então, esse livro me impressionou bastante porque não é... Ele é histórico, mas essa autora, ela é australiana, ela mesclou ficção com fatos históricos, então, no final do livro que ela conta que tudo que está no livro é ficção. Foi criação da mente dela, mas é recheado com fatos históricos que realmente aconteceram.”

Como Antonio conhece muito de história antiga, um tema que o fascina, o livro instigou sua curiosidade: ele queria saber o que era ficção e o que não era na obra lida, pois, segundo ele, a escritora articulava bem os fatos históricos reais com a ficção.

“Mas se você lê o livro como se aquilo realmente fosse real. Eu comecei a ler na dúvida, eu fiquei em dúvida, e falei ‘Mas eu nunca aprendi isso! Eu nunca soube que Júlio Cezar tinha duas irmãs, sabia de uma, né?’.Aí no final do livro é que ela conta que aquilo é ficção. Então me chamou atenção e é um assunto que eu gosto, me cativa, me prende.”

Após contar uma parte do livro que é um fato real, Antonio pediu que eu o acompanhasse, para encontrá-lo nas prateleiras.

“Inclusive nesse livro da Colin McCullough, “O primeiro homem de Roma”, ela conta e isso eu acho que é verídico, ela conta que houve uma mulher na Roma Antiga que ela, ela fundou uma biblioteca em Roma, mas ela não colocou a placa “Biblioteca”, ela pôs uma placa “Hospital da Alma”! Sério, está no livro! Vamos ver se o livro está ali? Posso ver se ele está ali?”

O gravador foi pausado, fomos até as prateleiras e Antonio encontrou facilmente o livro, abrindo-o exatamente nessa parte. Muito orgulhoso ele me mostrou o seu livro marcante, que traz um assunto histórico de seu interesse.

A leitura permite a conscientização do leitor para com o mundo em que vive, sendo possível sentir-se pertencente a ele. É o que a Petit (2008) destaca quando afirma que apropriar-se dos conhecimentos por meio do estudo da história, das ciências da vida – é um modo de participar do mundo, de compreendê-lo melhor, de encontrar um espaço nele.

Apesar de Ronaldo ter dito não ser possível identificar apenas um livro como inesquecível, pois, para ele há vários livros marcantes, ele falou sobre as suas leituras e as suas concepções sobre estas.

“São vários livros marcantes! Agora eu poderia citar um autor, que é marcante nos dias de hoje, eu posso citar na História do Brasil, o Bóris Fausto para conhecer a história do Brasil, então seria assim muitos livros, são vários. Na verdade você tem um pouco de visão assim, um tipo visionário de coisas que te interessam, né?! Na verdade o que importa, é você conhecer o outro lado da história, o outro lado da cidade, o outro lado dessa visão aparente que está por aí. Todo mundo correndo, todo mundo vivendo, sem saber pra onde, e o que está por trás? Então, eu me interesso por livros que mostram essa realidade que ninguém vê, e que a história mostra. O que eu quero perceber também é o seguinte, o que se faz, hoje, porque você tem uma história...”

Na fala de Ronaldo, como já destaquei anteriormente neste trabalho, identifica-se a sua preocupação de ir além do que está posto nas informações divulgadas pela mídia e com aquilo que se escuta no dia a dia na relação com os outros. Ele faz as leituras para não se sentir enganado, manipulado e para ter um posicionamento seu diante dos acontecimentos e da realidade vivida. Para isso, recorre a livros que trazem os assuntos históricos.

Ver as pessoas sempre ocupadas, imersas nas suas preocupações e tarefas, sem ter tempo para se informar e ter uma própria opinião e entendimento do que está posto, incomoda Ronaldo, que busca nas suas leituras o conhecimento para posicionar-se. Petit (2008) sinaliza esse sentido da leitura ao afirmar que ler para se informar permite que a pessoa mantenha um pouco o domínio sobre um mundo tão inconstante. (p.64)

BREVES CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão sobre a leitura, que busquei neste trabalho, mais do que conclusões abre-se a futuras ampliações.

Porque se lê de maneira singular, é isso que faz com que um livro seja lembrado como preferido por uma pessoa, mas possa nada representar para outras. Os leitores encontram nos livros fragmentos que dão voz às emoções que eles não sabiam expressar, deparam-se com espaços de si mesmos até então escondidos, e encontram diferentes maneiras de enxergar e compreender a realidade vivida.

As interpretações e (re) significações feitas pelos leitores sobre os livros são inúmeras e se relacionam com as experiências dos sujeitos, com os sonhos e desejos suscitados nessas e por essas experiências. Como disse Bourdieu (2009), no livro *Práticas da Leitura*, os livros que mais agem são os livros que agem de inconsciente a inconsciente.

Das experiências com a leitura, nasce o gosto por ler. Não é possível gostar de ler, sem ler. Não são todos os livros que despertam sentimentos que prendem o sujeito do início ao fim. Porém para falar sobre uma obra é preciso lê-la.

A leitura envolve o leitor com a obra e a obra com o leitor, numa relação em que o escritor, mesmo sem ter esse objetivo, traz a tona palavras, significados que dizem muito sobre e para o leitor.

Saber qual efeito uma obra produzirá sobre cada leitor é impossível, mas recolher os sentidos produzidos, cotejá-los e conversar sobre eles é uma experiência humana inesgotável, pois a leitura é uma atividade que se realiza como interlocução e se desdobra em muitas outras.

O caráter intersubjetivo da leitura explica a centralidade do mediador. Porque leitores não nascem feitos, é fundamental inserir os sujeitos no universo da atividade da leitura, compartilhando com eles possibilidades de leitura, acompanhando essas leituras e acolhendo os efeitos de sentido por elas produzidos.

Formado o hábito de ler, a procura por livros torna-se mais fácil, porém a procura por livros que prendam o leitor do início ao fim ainda continua e é muito presente na experiência dos leitores, podendo ser chamada essa procura por livros como uma procura vital. Nessa procura vital, o mediador continua central, como parceiro de leituras, que tem o que dizer, porque também lê.

Considerar a leitura sob essa perspectiva suscita indagações acerca do papel do professor e da escola na formação do leitor e dos modos de viver a leitura que devem ser assegurados ao professor em formação.

Referências bibliográficas

- AZEVEDO, R. *Formação de leitores e razões para a literatura*. In: SOUZA, Renata J. de S. (Org.). *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo, SP: DCL, 2004.
- BENJAMIN, Walter, 1892-1940, *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* – 7ª. ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre o brinquedo, a criança e a educação*. 34ª Ed. São Paulo: Duas cidades, 2009.
- BOURDIEU, P. *A Escola conservadora e as desigualdades frente à escola e à cultura*. In: CATANI, A. (Org.). *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOURDIEU, P. *A leitura: uma prática cultural*. In CHARTIER, R. (org.) *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da Sedução - os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- GARCIA, Pedro B. *Literatura e identidade: tecendo narrativas em rodas de leitura*. In: *Leitura: Teoria & Prática / Associação de Leitura do Brasil* – ano 1, n.0, 1982, - Campinas, SP: Global, 2010.
- GOULEMOT, J.M. *Da leitura como produção de sentidos*. In CHARTIER, R. (org.) *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- FONTES, Joaquim Brasil. *O livro dos simulacros*. Florianópolis, SC: Clavicordio, 2000.
- LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. SP: Editora Ática, 2000.
- LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil brasileira: histórias e histórias*. SP: Editora Ática, 1985.
- LAJOLO, Marisa. *Meus alunos não gostam de ler... O que eu faço?* MEC/CEFIEL, 2005.)
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação - uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1998.
- PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Editora 34, 2008.
- _____. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. São Paulo: Editora 34, 2009.

QUEIROZ, Maria Isaura P. de. *Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”*. In: SIMSON, Olga R. de M. Von. *Experimentos com Histórias de Vida (Itália-Brasil)*. São Paulo, SP: Editora Revista dos Tribunais Lta, 1988.

SILVA, Vagner G. da. *O Antropólogo e sua Magia*. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

SNYDERS, Georges. *Alunos Felizes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1981.

_____. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1998.

ZILBERMAN, Regina. AGUIAR, V. T. de (Org.) *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 10ª Ed. RS: Mercado Aberto, 1991.